

| | |
|------------------|----|
| Tchekhov | 1 |
| Tagore | 14 |
| Mil e uma noites | 23 |
| Boccaccio | 32 |
| Poe | 43 |

ANTON TCHEKOV

Anton Pavlovitch Tchekov (1860-1904), neto de um servo liberto, filho de um botequineiro, nasceu em Taganrog, porto encalhado e decadente do mar de Azov. Seu pai, homem excessivamente piedoso e, ao mesmo tempo, tirânico, limitado e brutal batia nos cinco filhos quando pequenos e explorava-os depois de crescidos. Anton Pavlovitch estudou as primeiras letras na escola grega de sua cidade natal, e levou 11 anos no ginásio sem passar de aluno medíocre. Ao terminar o curso, seu lar já se tinha dissolvido, pois o pai, fugindo ao encarceramento por dívidas, transferira-se para Moscou, seguido pelos demais membros da família.

Reunindo-se aos seus, Tchekov matricula-se na Faculdade de Medicina e diploma-se após anos difíceis de estudos, privações e bicos. Um desses últimos era a publicação, nos jornais, de pequenos contos humorísticos, aos quais ninguém ligava importância, inclusive o próprio autor. Todos os rapazes da família tinham algum talento: Anton Pavlovitch escrevia contos; Alexandre fazia artigos; Nicolai desenhava. Daí sua surpresa quando, em 1886, Suvorin lhe pediu a colaboração para o *Novoie Vremia*, o maior jornal da época, e sobretudo quando, poucas semanas depois, Grigorovitch, velho escritor de grande nome e autoridade, o felicitou, em carta, por seus dotes excepcionais, lembrando a responsabilidade que estes lhe impunham. Foi esta carta que revelou Tchekov a mesmo; daí em diante começa a cuidar de seus trabalhos, a revê-los, a assiná-los com o próprio nome (até então usara o pseudônimo Antocha Tchekonte), a restringir cada vez mais as suas atividades de médico para só se consagrar à literatura.

Enquanto lhe crescia a popularidade, em suas obras se notava uma tristeza cada vez maior. Descobriria cedo em si os sinais da tuberculose, e a morte prematura de um dos irmãos, vitimado pela mesma doença, não lhe deixava ilusões. Foi para aproveitar a vida curta que fez grandes viagens, uma "do Inferno" (a Sibéria dos deportados) "ao Paraíso" (a ilha de Ceilão), outras a vários países da Europa — estas já em busca de melhora. Paralelamente aos contos e novelas, escreveu peças: *Ivanov*, *Tio Vânia*, *As três irmãs* e *O jardim das cerejeiras*. Em 1901 casou-se com a atriz Olga Knipper, intérprete de várias personagens suas.

O último decênio da vida passou-o retraído em sua casa de Ialta, na Crimeia; cada vez mais doente, raro aparecia na capital. Morreu num sanatório de Badenweiler, na Alemanha.

“As qualidades de Tchekov homem — sua modéstia, sua probidade, sua simplicidade, seu incessante esforço de disciplina, de aperfeiçoamento, de amor ao próximo, de resistência à moléstia e às preocupações, de destemor e dignidade ante a morte iminente — refletem-se na obra de Tchekov escritor. Ele, que afirmava com tristeza que a vida não tinha sentido, conseguiu dar à sua uma significação muito bela e muito profunda.”⁹⁷

Na história do conto ocupa Tchekov lugar importantíssimo, por haver renovado o gênero.

Frequentemente comparam Tchekov e Maupassant⁹⁸ para determinarem-lhe os traços por oposição. O início dum conto maupassantiano já é calculado para ferir a imaginação do leitor e criar uma expectativa que vai num crescendo, à medida que o enredo, sabiamente conduzido, avança sem desvios nem delongas, por etapas sucessivas. O fim é muitas vezes um lance teatral, inesperado e fulminante; sempre impecável, bem-proporcionado e impressionador. O assunto é sempre um caso à parte, um acontecimento nitidamente destacado. É, aliás, essa perfeição que aos olhos do leitor de hoje confere às obras de Maupassant, na maioria da vezes, um caráter algo artificial.

Se os contos de Tchekov parecem bem menos estudados, dão impressão maior de realidade. Dir-se-ia que o autor separou, ao acaso, uma cena qualquer numa vida qualquer, e a conta sem arredondá-la, sem limpá-la dos fios que a ligam a outras cenas e trechos. Faz-nos entrar em casa de uma moça feia cujos pais vivem a preparar-lhe o enxoval. Assistimos a uma das humilhações diárias do velho professor francês por seu rico aluno russo; a um banquete em que dois convivas aparecem usando condecorações falsas; a conversas à toa numa barcaça, no banho turco, na repartição. Vimos a saber os pensamentos anêmicos da professorinha que acaba de receber o diploma e volta da cidade à sua aldeia; as fantasias de um casal entre o momento de verificar a série de um bilhete premiado e o de verificar-lhe o número. Na realidade, essa aparente falta de construção tem as suas leis, mais complicadas que as do conto maupassantiano.

A técnica original de Tchekov é, em parte, resultado de contingências alheias à literatura. Desde sua estreia, principiava ele as narrativas a pinceladas largas e terminava-as antes do tempo, apertado pelo jornal impaciente e pela família faminta.

Na fase inicial, para os leitores e para si mesmo, Tchekov era exclusivamente um autor divertido. Ao leitor estrangeiro, no entanto, seu humorismo se afigura melancólico, quando não deprimente. Como achar graça no magistrado que briga com o amigo porque este não aproveitou certa oportunidade de seduzir uma senhora casada, no “pensador” que da afirmação de que há letras inúteis na ortografia russa chega à conclusão de que

tudo é inútil, ou, sobretudo, na pobre bailarina venal que irrompe no consultório do dentista conhecido para dar-lhe uma facada e, por timidez, deixa que lhe extraia um dente? Esses tipos, e outros semelhantes, dão mais uma sensação de mal-estar que de hilaridade.

Na segunda fase, Tchekov mostra influência de Tolstói,⁹⁹ e em alguns contos seus, alguns dos mais extensos, faz literatura interessada, com visíveis intenções sociais e morais. Há outros, porém, escritos, na maioria, nos últimos anos, em que o vemos liberto de toda influência, apresentando a humanidade sem ilusões e sem esperanças, com a resignação de um niilista lírico.

Conforme a aguda observação de um crítico,¹⁰⁰ Tchekov é continuador de Turguêniev,¹⁰¹ sem o imitar, no método poético e sugestivo, oposto ao método analítico de Dostoiévski¹⁰² e de Tolstói. É mestre em criar atmosferas e ambientes com poucas palavras; a maior parte dos seus contos tem apenas algumas páginas. O que o liga aos membros da grande tríade é o acento de profunda simpatia humana; e essa simpatia, segundo observa o mesmo crítico, vai sempre para os errados, os desajeitados, os ineficientes.

Na volumosa e homogênea produção de Tchekov não é fácil dar preferência a este ou àquele conto. Escolhemos “Cronologia viva” por ser característico de sua primitiva maneira; “Angústia”, porque, na opinião de muitos, é um dos exemplos mais perfeitos do conto sem enredo (“Nenhum acontecimento, nem sequer o menor fato — mas um destino inteiro, terrível”);¹⁰³ e “O marido”, por ser um espécime em que transparece, a despeito da sobriedade do traço, o fundo desespero dos últimos anos do escritor.¹⁰⁴

CRONOLOGIA VIVA

O salão do Conselheiro de Estado Charamikin está mergulhado em agradável penumbra. A grande lâmpada de bronze, com seu quebra-luz verde, tinge, à maneira de uma “noite da Ucrânia”, as paredes, os móveis, as fisionomias... De quando em quando, na lareira expirante, uma acha, que se consome, abrasa-se e por um instante projeta nos rostos um clarão de incêndio. Isto, porém, não perturba a harmonia geral das luzes. O tom de conjunto, como diriam os pintores, mantém-se.

Ao pé da lareira, acha-se afundado em uma poltrona, na postura dum homem que acaba de jantar, Charamikin em pessoa, senhor idoso, de suíças cinzentas de funcionário, olhos de um azul doce. Transparece-lhe no rosto a benignidade. Um sorriso melancólico franze-lhe os lábios. A seus pés, sobre um mocho, as pernas voltadas para a lareira, e estirando-se preguiçosamente, está sentado o vice-governador Lopnef, galharda figura de cerca de quarenta anos.

Junto ao piano brincam os filhos de Charamikin — Nina, Kólia, Nádia e Vânia.

Do salão da sra. Charamikin chega, pela porta entreaberta, uma luz tímida. Ali, sentada à secretária, vê-se Ana Pavlovna, presidenta do comitê das damas da cidade — jovem senhora, viva e picante, dos seus trinta anos e mais alguma coisa. Através do lornhão, os olhos negros e vivos deslizam pelas páginas de um romance francês. Sob o romance encontra-se, dilacerado, um relatório do Comitê, do ano anterior.

— Antigamente, nesse ponto de vista — diz Charamikin piscando os olhos pacatos à claridade dos tições morrediços —, nossa cidade era mais favorecida. Não se passava um inverno que não aparecesse alguma estrela. Tivemos atores e cantores célebres. E agora?... Sabe o Diabo o que é! Afora prestidigitadores e tocadores de realejo, não vem mais ninguém. Nenhum prazer estético... Parece que vivemos no mato... Sim... Lembra-se, Excelência, daquele trágico italiano?... Como se chamava mesmo?... Um moreno, alto... Queira Deus que eu me lembre! Ah! sim! Luigi Ernesto di Ruggiero. Um talento notável... Que força! Era ele abrir a boca — e o tea-tro em peso estremecia. A minha Anniutotchka¹⁰⁵ se interessava muito pelo talento dele. Conseguiu-lhe o teatro e vendeu bilhetes para dez espetáculos... Ele, em recompensa, lhe deu lições de declamação e de música. Um amor de homem! Ele esteve aqui... não vá eu enganar-me... há 12 anos... Não, estou enganado... Menos, apenas dez. Anniutotchka, que idade tem a nossa Nina?

— Vai fazer dez anos — gritou Ana Pavlovna lá do seu escritório. — Por quê?

— Nada, minha filhinha, só para saber... E às vezes também vinham bons cantores... Lembra-se do tenore di grazia Priliptchin? Que amor de homem! Que aparência!... Um louro... semblante expressivo, maneiras parisienses... E que voz, Excelência! Só tinha um defeito: cantava algumas notas com o ventre e emitia o ré em falsete; no mais, tudo era bom. Dizia-se aluno de Tamberlick... Anniutotchka e eu conseguimos para ele o salão do Círculo e, como prova de gratidão, ele cantava em nossa casa, dias e noites... Ensinau canto a Anniutotchka... Esteve aqui, lembro-me bem, pela Quaresma, isto há... 12 anos. Não, mais!... Que memória, santo Deus! Anniutotchka, quantos anos tem a nossa pequena Nádia?

— Doze anos.

— Doze... se acrescentarmos dez meses... Exatamente...13 anos!... Antigamente havia na cidade — como direi? — mais vida... Vejamos, por exemplo, os nossos saraus de beneficência! Que belos saraus que houve... Que encanto! Tocava-se, cantava-se, declamava-se... Depois da guerra, lembro-me bem, houve aqui prisioneiros turcos. Anniutotchka organizou um sarau em benefício dos feridos. Rendeu 1.100 rublos... Os oficiais turcos ficaram doidos com a voz de Anniutotchka, e levavam o tempo a lhe beijar a mão. Eh! eh!... Apesar de asiáticos, são pessoas reconhecidas, os turcos. O sarau alcançou tamanho êxito que — imagine V. Ex.^a — eu anotei no meu diário. Isto foi, se estou bem lembrado, em 76... Não... Em 77... Não! Um momento! quando foi mesmo que tivemos os turcos? Anniutotchka, quantos anos tem o nosso Kolitchka?¹⁰⁶

— Eu tenho sete anos, papai — disse Kólia, garoto trigueiro, de cabelos pretos como carvão.

— Sim, a gente envelhece — assenta Charamikin sorrindo. — A nossa energia já não é a mesma... Eis aí a razão de tudo... A velhice, meu caro! Faltam precursores novos, e os velhos envelheceram... Já não se tem o mesmo ardor! Quando eu era mais moço, não gostava que as pessoas se aborrecessem... Era o primeiro a ajudar a nossa Ana Pavlovna... Tratava-se de organizar um sarau de beneficência, uma tómbola, de dar apoio a uma celebridade estrangeira? Eu largava tudo e metia mãos à obra... Um inverno, recordo-me bem, corri tanto, trabalhei tanto, que caí doente... Não posso esquecer esse inverno... Lembra-se do espetáculo que organizamos com a nossa Ana Pavlovna em benefício das vítimas do incêndio?

— Em que ano foi isso?

— Não faz muito tempo... Em 79. Não, creio que em 80! Um momento; que idade tem nosso Vânia?¹⁰⁷

— Cinco anos — grita Ana Pavlovna lá do seu salão.

— Então foi há seis anos... Sim, meu caro, tantas coisas... Agora já não há nada disso! O ardor já não é o mesmo.

Lopnef e Charamikin meditam. A acha morrediça aviva-se pela última vez e se cobre de cinza.

ANGÚSTIA

A quem comunicar a minha tristeza?

Boca da noite. Uma neve úmida, em grandes flocos, remoinhava preguiçosa à volta dos lampiões que acabavam de se acender, e em camadas espessas e moles pousava sobre os telhados, as costas dos cavalos, os chapéus e as espáduas da gente. Jonas Potapof, o cocheiro de trenó, estava branco feito um espectro, tão encolhido quanto a um corpo humano é possível encolher-se, sem se mexer, no alto da boleia. Caísse-lhe em cima todo um montão de neve, e ele nem julgaria necessário sacudir os ombros. O rocim também estava branco e imóvel. Na imobilidade das suas formas angulosas, na rigidez das suas pernas, que pareciam varas, lembrava até os cavalinhos de pão de mel de um copeque. Com toda a probabilidade, achava-se mergulhado em suas reflexões. A quem arrancaram ao arado, à habitual paisagem cinzenta, para lançá-lo nesta voragem cheia de luzes incompreensíveis, de barulho incessante, de gente a correr, é impossível não pensar...

Havia muito que Jonas e o rocim não se movimentavam. Tinham saído de casa antes do almoço, e ainda não aparecera nenhum ganho. E a névoa da noite já ia baixando sobre a cidade. A pálida luz das lâmpadas colora-se, torna-se mais brilhante; aumenta o

rebuliço das ruas.

— Ó cocheiro, para Viborgskaia!¹⁰⁸ — Jonas ouve gritar. — Ó cocheiro!

Jonas estremece e por entre as pestanas coladas de neve vê um militar de capote e capuz.

— Para Viborgskaia! — repete o militar. — Estás dormindo? Para Viborgskaia!

Em sinal de assentimento, Jonas puxa as rédeas, fazendo que se esbague a neve acumulada nas costas do cavalo e nos seus próprios ombros. O militar senta-se no trenó. O cocheiro dá um estalo com a língua, estica o pescoço à maneira de cisne, ergue-se e faz silvar o chicote mais por costume que por necessidade. O cavalo também estica o pescoço, dobra as pernas de vara e indecisamente se arranca do lugar.

— Aonde sobes, peste? — ouve logo Jonas alguém exclamar dentro da escuridão, na massa de transeuntes que se cruzam em todos os sentidos. — Para onde é que os diabos te carregam? Conserva a direita!

E o militar, por sua vez:

— Não sabes guiar! Conserva a direita!

O transeunte que atravessava a rua a correr e bateu com o ombro no focinho do cavalo xinga o cocheiro e o carro, lança um olhar de raiva e sacode do braço a neve. Jonas mexe-se inquieto na boleia, como se estivesse sentado em espinhos, empurra os cotovelos para os dois lados, olha ao redor como um possesso: dir-se-ia que não compreende onde está e por que está ali.

— Mas como toda essa gente é infame! — troça o militar. — Como aguardam a ocasião de esbarrar em ti ou de cair debaixo do cavalo! É uma combinação!

Jonas olha para o passageiro, abrem-se-lhe os lábios... Vê-se que deseja dizer alguma coisa, mas da garganta não lhe sai senão um ronco.

— Que tens? — pergunta o militar.

Jonas torce a boca para um sorriso, força a garganta e diz em voz rouca:

— É que... meu senhor... é... meu filho morreu esta semana.

— Hum... de que morreu?

Jonas volta-se para o passageiro com todo o corpo a fim de responder:

— Quem sabe! Deve ter sido de febre... Passou três dias no hospital e morreu. Era a vontade de Deus.

Do escuro parte uma voz:

— Desvia-te, diabo! Estás cego, velho cachorro? Onde estás com os olhos?

— Anda, anda... — diz o passageiro. — Assim não chegaremos nem amanhã. Açoita!

O cocheiro estica de novo o pescoço, ergue-se um pouco, e com pesada graça vibra o chicote. Em seguida, volta-se repetidas vezes para olhar o passageiro, mas este fechou os olhos: evidentemente, não está disposto a ouvi-lo. Leva-o a Viborgskaia; depois, fica parado ao pé de um botequim, encolhe-se na boleia, e imobiliza-se de novo. Mais uma

vez a neve pinta-o de branco, a ele e ao cavalo. Escoa-se uma hora, e mais outra.

Na calçada, arrastando ruidosamente as galochas e brigando, passam por ele três moços, dois magros e altos e um baixinho e corcunda.

— Ó cocheiro, para a Ponte Policial! — grita o corcunda em voz surda. — Os três... vinte copeques.

Jonas puxa as rédeas e dá um estalo com os lábios. O preço de vinte copeques não é razoável... mas que lhe importa o preço? Rublo ou piataca,¹⁰⁹ tanto faz agora, contanto que tenha fregueses. Acotovelando-se e trocando palavrões, os moços trepam no assento, os três ao mesmo tempo. Começam por discutir o problema de saber quais os dois que poderão sentar-se e qual o terceiro que permanecerá em pé. Após longa troca de palavras feias, após recriminações e discussões, chega-se à conclusão de que é o corcunda quem deverá viajar em pé, por ser o menor de todos.

— Bem, vai para a frente! — berra este depois de instalado.

O seu hálito fere a nuca de Jonas:

— Corre! Mas que gorro tens, irmãozinho! Não se encontra pior em toda São Petersburgo...

Jonas ri-se:

— Hi-hi... É isso mesmo...

— Seja como for, toca para a frente! Pretendes fazer todo o percurso nesta marcha? Olha que apanharás no pescoço!

— Minha cabeça vai estalar — diz um dos moços altos. — Ontem, em casa dos Dukmassofs, eu e o Vasca¹¹⁰ bebemos, os dois, quatro garrafas de conhaque.

— Não compreendo por que essas mentiras — diz o outro rapaz alto, aborrecido. — Mentas pelos cotovelos.

— Deus me castigue se não é verdade...

— É verdade como a tosse do piolho.

— Hi-hi... Os senhores estão de bom humor! — declara Jonas sorrindo.

— O diabo te leve! — xinga de novo o corcunda. — Andas ou não andas, peste velha? Será que te arrastarás assim? Chicote nele, diabo! Vai, açoita-o melhor!

Jonas sente atrás de si o agitar-se do corpo do corcunda, sente na nuca o frêmito da sua voz, ouve as palavras grosseiras que lhe são dirigidas, e o sentimento de solidão vai aos poucos caindo-lhe do peito. O corcunda xinga-o, até que se engasga com os palavrões enormes, rebuscados, sufocado numa crise de tosse. Os dois pernudos falam de certa Nadejdia Petrovna. Jonas olha para trás. Aguarda uma breve pausa, espreita outra vez e balbucia:

— Esta semana o meu... morreu o meu filho.

— Todos morremos — diz o corcunda num suspiro, enxugando os lábios depois da tosse. — Bem, anda, anda! Decididamente, senhores, eu não aguento mais. Quando

chegaremos, afinal?

— Incita-o de leve — no pescoço!

— Estás ouvindo, peste velha? Vou bater no teu pescoço! Não adianta fazer cerimônia com gente da tua laia... antes ir logo a pé. Ouviste, bicho-papão? Parece que cospes no que nós dizemos.

E Jonas ouve mais do que sente o ruído de uma palmada na nuca.

— Hi-hi... Os senhores estão de bom humor. Deus lhes dê saúde.

— Ó cocheiro, és casado? — perguntou um dos pernaltos.

— Ah-ah-ah... Os senhores estão de bom humor. A minha mulher, agora... é a terra úmida... ah-ah-ah... quer dizer, a cova... Morreu o meu filho, e eu estou vivo... Coisa esquisita: a morte se enganar de porta! Em vez de me levar, foi levar o meu filho.

E Jonas volta-se para contar como seu filho morreu; mas neste momento o corcunda solta um suspiro de alívio e declara que, graças a Deus, acabam de chegar. Recebidos os vinte copeques, Jonas fica muito tempo a seguir com os olhos os três farristas, que desaparecem atrás de um portão escuro.

Está sozinho de novo, e de novo o silêncio o agride... A angústia, desaparecida por algum tempo, reaparece, oprimindo-lhe o peito ainda com mais força. Alarmados e agoniados, os olhos do cocheiro correm a multidão que vai e vem nos dois lados da rua: entre aquele milhar de pessoas não se encontra uma só, pelo menos, que lhe dê atenção. A multidão passa e não o nota, nem a ele nem à sua angústia, uma angústia imensa, sem limites. Se ela rebentasse o peito de Jonas, derramar-se-ia e inundaria o mundo inteiro; e, entretanto, ninguém a vê. Ela conseguiu abrigar-se numa concha tão humilde que não se deixa perceber nem sequer à luz do dia.

Jonas vê um porteiro com um saco e resolve conversar com ele.

— Que horas serão, meu caro? — pergunta-lhe.

— Dez. Mas por que paraste? Anda, vai para a frente.

Jonas avança alguns passos, torce-se, e entrega-se todo à angústia. Dirigir-se aos transeuntes não vale a pena. Mal decorridos cinco minutos, reergue-se, abana a cabeça, como sacudido por uma dor aguda, e puxa as rédeas. Não aguenta mais.

— “Para a hospedaria — pensa —, para a hospedaria!”

O rocim, como se entendesse o pensamento do cocheiro, põe-se a correr a trote. Ao cabo de hora e meia, Jonas já está sentado ao pé de um grande forno sujo. Em cima do forno, no chão e nos bancos ronca gente. Jonas fita os adormecidos, coça-se, e sente-se arrependido de ter voltado tão cedo.

— “Nem o preço da aveia ganhei; por isso é que veio a angústia. Um homem que sabe fazer o seu trabalho... come à vontade, tem o cavalo farto e anda sempre tranquilo.”

Num dos cantos, levanta-se um jovem cocheiro, boceja meio adormecido e estira-se para o balde com água.

— Queres beber?

— Naturalmente!

— Então, bom proveito... Pois a mim, irmão, meu filho morreu. Ouviste? Morreu no hospital esta semana... E um caso sério!

Jonas procura o efeito das suas palavras: não vê nenhum. O rapaz cobre a cabeça, e já dorme. O velho suspira e coça-se. Assim como o outro teve vontade de beber, assim está ele com vontade de falar. Dentro em pouco haverá uma semana que lhe morreu o filho, e ele ainda não pôde falar razoavelmente com ninguém... É necessário falar sem pressa, claramente... É preciso contar como o filho adoeceu, como sofreu, o que disse antes de morrer, como morreu... É preciso descrever o enterro e a viagem ao hospital para receber as roupas do defunto... Sua filha Anísia ficou lá na aldeia; dela também é preciso falar... Porém ele pouco pode falar agora de tudo isso! O ouvinte deveria espantar-se, lamentá-lo, gemer com ele. Com mulheres até se entenderia melhor. Ainda que tolas, bastam duas palavras para fazê-las chorar.

— “Vamos olhar para o cavalo — diz entre si. — Para dormir, sempre tens tempo. Sem dúvida, dormirás bastante...”

Veste-se e vai à estrebaria, onde o cavalo está descansando. Pensa na aveia, no tempo que fará. No filho é que não pode pensar quando está sozinho. Falar com alguém sobre ele, isto sim... mas pensar nele, sozinho, e evocar a imagem dele, é penoso, é insuportável...

— Estás mastigando? — pergunta Jonas ao cavalo, vendo-o com os olhos brilhantes. — Mastiga, mastiga... Já que não ganhamos bastante para comprar aveia, vamos comer feno... Pois é... Já estou velho para guiar... Meu filho — ele é que deveria guiar, e não eu... Ele é que era cocheiro de verdade... Homem para viver muito ainda!

Cala-se um momento e recomeça:

— É assim mesmo, irmão cavalo... Não existe mais Cosme Jonitch. Mandou-nos viver muito tempo.¹¹¹ Pegou e foi morrer à toa... Faz de conta que tu tinhas um poldrinho... para esse cavalinho tu eras o pai... E de repente, faz de conta, esse mesmo cavalinho te mandava viver muito tempo... Não seria uma lástima?

O rocim escuta, mastigando, e sopra na mão do dono.

Então, arrebatado, Jonas põe-se a contar-lhe tudo...

O MARIDO

O regimento de cavalaria de N., em manobras, foi aquartelar-se, para pernoitar, na cidadezinha de K., sede de distrito. Um caso como o aquartelamento dos srs. oficiais nunca deixa de agir sobre o espírito dos habitantes da maneira mais excitante e inspiradora. Os donos de armazém entram a sonhar com a venda de um chouriço velho e

rançoso, e de sardinhas “de primeira qualidade” que jazem nas prateleiras há dez anos; os botequineiros e demais comerciantes mantêm as lojas abertas a noite inteira; o comandante local, o seu secretário e os oficiais da guarnição vestem o melhor uniforme; a polícia corre de todos os lados, como endemoninhada; quanto às senhoras, só o Diabo sabe o que lhes acontece!

Ao ouvirem que se aproximava o regimento, as damas de K. abandonaram as panelas a ferver com a geleia e correram para a rua. Esquecidas de seu desalinho e seu ar desganhado, arfando e resfolegando, precipitaram-se a dar as boas-vindas ao regimento, e escutavam com enlevo o som da marcha. Vendo-lhes as fisionomias pálidas e exaltadas, dir-se-ia virem aqueles sons não de clarins de soldados, mas do próprio Céu.

— O regimento! — repetiam com alvoroço. — Aí vem o regimento!

De que lhes servia aquele regimento desconhecido, chegado por acaso, e que partiria ao amanhecer?

Pouco tempo depois, enquanto os srs. oficiais, de mãos cruzadas nas costas, conversavam na praça para resolver a questão dos alojamentos, as damas de K., reunidas no salão da esposa do juiz de instrução, criticavam-nos à porfia. Já estavam informadas, sabe Deus como, de que o comandante era casado, mas não vivia com a mulher; que ao oficial de patente mais alta nascia todos os anos um filho morto; que o ajudante se achava loucamente apaixonado por certa condessa e até chegara a atentar contra a própria vida. Sabiam de tudo. Bastava aparecer à janela, por um instante, um soldado de camisa vermelha, com o rosto marcado de pústulas, e elas diziam com absoluta certeza que era a ordenança do alferes Rimazof, que corria a cidade à procura de gim inglês para o chefe, a crédito. Mal haviam entrevisto os oficiais pelas costas, e já tinham verificado que nenhum dentre eles era bem-parecido ou interessante. Depois de tagarelarem um bocado, mandaram vir o comandante local e o administrador do clube, e intimaram-nos a organizar naquela mesma noite, custasse o que custasse, um sarau dançante.

Foi satisfeita a exigência. Às dez horas da noite a banda militar ribombava em frente ao clube, dentro do qual os srs. oficiais dançavam com as damas de K. Estas pareciam criar asas. Arrebatadas pela dança, pela música e pelo tilintar das esporas, entregavam-se de todo o coração aos oficiais que acabavam de lhes ser apresentados, e esqueciam por inteiro os seus parentes civis. Os pais e os maridos, relegados a segundo plano, comprimiam-se no vestíbulo em torno do bufete pobre. Esses caixas, secretários e inspetores, enfezados, hemorroidários, desajeitados, inteiramente convencidos de sua inferioridade, nem sequer entravam na sala: ficavam à porta a olhar como suas mulheres e filhas dançavam com os tenentes airosos e desembaraçados.

Entre os maridos encontrava-se Kiril Pietrovitch Chalikof, fiscal do imposto de consumo, criatura má, tacanha, dada à embriaguez, com uma grande cabeça de cabelos

cortados rente, e beijos caídos, balofos, túmidos. Quando estudante, na universidade, lia Pissaref e Dobroliubof,¹¹² e cantava canções; agora vive dizendo consigo mesmo que é assessor de colégio¹¹³ e nada mais. Apoiado ao portal, não tirava os olhos de cima da mulher. Esta, Ana Pavlovna, moreninha dos seus trinta anos, nariz comprido e queixo pontiagudo, muito empoada, apertadinha no espartilho, dançava sem descanso, a mais não poder. A dança fatigava-a; mas era só o corpo que se esgotava, e não a alma... toda a sua figura revelava alegria e prazer. Arfava-lhe o peito, apareciam-lhe no rosto manchinhas vermelhas, todos os seus movimentos eram lânguidos, insinuantes; evidentemente, dançando, recordava o passado, aquele passado remoto, em que ela dançava no Instituto¹¹⁴ e sonhava com uma vida faustosa e alegre, certa, ainda, de que teria por marido, infalivelmente, um barão ou um príncipe.

Olhava para ela o fiscal, e de raiva franzia as sobrancelhas. Ciúmes não sentia, mas desagradavam-lhe várias coisas. Primeiro, por causa da dança, não havia onde jogar cartas; em segundo lugar, não suportava a música de instrumentos de sopro; em terceiro, parecia-lhe que os srs. oficiais tratavam os civis com demasiada desenvoltura e altivez; finalmente — e era este o mais importante de todos os motivos —, a expressão de felicidade no rosto da esposa revoltava-o, inspirava-lhe verdadeira indignação.

— “Dá nojo ver — murmurava de si para si. — Quase quarentona, não tem nem rosto nem gosto, e, apesar disso... Vejam só como frisou os cabelos, como encheu a cara de pó, como se apertou no espartilho! Está cheia de requebros e dengues, e imagina que isso lhe vai bem... Vejam só que beleza!”

Ana Pavlovna estava tão absorta na dança que nem uma vez sequer olhara para o marido.

— “Naturalmente nós outros não passamos de uns mujiques — rosnava ele com despeito. — Estamos em disponibilidade... somos umas focas provincianas, uns ursos. E ela é a rainha do baile. Está tão bem-conservada que até aos oficiais pode interessar. É até capaz de apaixonar-se!”

No momento da mazurca, o rosto do fiscal torcia-se de raiva. Ana Pavlovna dançava-a com um oficial moreno, de olhos bojudos e maçãs do rosto à tártara. Este trabalhava com os pés seriamente, com sentimento e um ar grave, os joelhos de tal modo virados para fora que parecia um desses clowns de brinquedo que a gente faz pular por meio de cordéis. No entanto, Ana Pavlovna, pálida, trêmula, inclinava langorosamente o corpo e volvia os olhos, querendo dar a impressão de que raras vezes tocava o solo; evidentemente ela mesma acreditava já não estar na Terra, no clubezinho provinciano, mas em qualquer parte bem longe dali... nas nuvens talvez. Não só o seu rosto, senão todo o seu corpo anunciava felicidade... O fiscal achava isso intolerável. Teve ganas de ridicularizar aquele êxtase, de fazer sentir a Ana Pavlovna que ela se tinha excedido, que a vida não era tão bela assim como o entusiasmo lhe mostrava.

— “Espera um pouco, vou-te ensinar a sorrir com beatitude — resmungava ele. — Já não és uma aluna do Instituto, já não és uma criança. Uma velha feia deve compreender que é uma velha feia e nada mais.”

Os baixos sentimentos de inveja, despeito, amor-próprio ofendido, mesquinha misantropia, que a vodca e a vida sedentária provocam nos funcionariinhos de província, começavam a mexer-se nele como um rato. Aguardou o fim da mazurca, entrou na sala e dirigiu-se à esposa. Sentada ao lado de seu cavalheiro, Ana Pavlovna abanava-se, piscava os olhos com faceirice e contava como tinha dançado em São Petersburgo. Franzindo os lábios em forma de coração, dizia afetadamente:

— ...em nossa casa, em Piutiurbiurg...

— Aninhas, vamos para casa — lançou-lhe de repente o fiscal.

Ao ver diante de si o esposo, Ana Pavlovna estremeceu, como se houvesse esquecido inteiramente que tinha marido. No mesmo instante corou de vergonha por ter um marido tão enfezado, grosseiro e ordinário.

— Vamos para casa — repetiu ele.

— Por quê? Ainda é cedo.

— Vamos para casa, peço-lhe — disse o fiscal escandindo as sílabas, de cara feia.

— Mas por quê? Terá acontecido alguma coisa? — perguntou ela, com susto.

— Não aconteceu nada. Apenas desejo que volte para casa comigo imediatamente.

Desejo-o, eis tudo. Vamos, e sem tanta conversa, por favor.

Ana Pavlovna não temia o esposo. Porém sentia-se envergonhada perante o seu cavalheiro, que olhava para o fiscal com surpresa irônica. Ergueu-se, e afastou-se com o marido.

— Que ideia foi essa? — investiu. — Por que voltar para casa? Não são nem 11 horas!

— Mas eu quero que você volte, e basta. Venha, por favor, e já.

— Deixe de imaginar bobagens. Vá sozinho, se quiser.

— Bem, então armo um escândalo.

O fiscal viu a expressão de felicidade sumir-se progressivamente do rosto da mulher, envergonhada e magoada... e experimentou no coração como que um sentimento de alívio.

— Para que precisa de mim agora? — perguntou Ana Pavlovna.

— Não preciso de você, mas quero que fique sentada em casa. É isto que eu quero, e nada mais. Acabou-se.

Primeiro, Ana Pavlovna nem queria ouvir falar nisso; depois, entrou a suplicar ao marido que a deixasse ficar mais uma hora pelo menos; afinal, sem saber por quê, começou a dar desculpas, a jurar — e tudo isso em voz baixa, sorrindo, para que os circunstantes não suspeitassem um desentendimento entre ela e o esposo. Prometia que ficaria pouquíssimo tempo, dez minutos... cinco minutos apenas. Obstinado, o fiscal não

cedia:

— Fique o tempo que entender. Apenas, eu vou armar um escândalo.

À medida que discutia com o marido, Ana Pavlovna encolhia-se, emagrecia, ficava mais velha. Pálida, mordendo os lábios, quase chorando, foi ao vestiário preparar-se.

— Aonde vai, Ana Pavlovna? — perguntaram admiradas as damas de K. — Queridinha, aonde vai você?

— Está com dor de cabeça — respondeu o marido em lugar da mulher.

Deixando o clube, dirigiram-se os dois, calados, para casa. O fiscal seguia a esposa e, observando-lhe a silhueta curvada, humilhada e aflita, lembrava-se da felicidade que tanto o irritara pouco antes, e o pensamento de que essa felicidade já não existia enchia-lhe o coração de um sentimento de vitória. Mas, apesar de seu contentamento, sentia falta de alguma coisa. Tinha vontade de voltar ao clube, de fazer que todos ficassem tristes e amargurados, que todos compreendessem, afinal, como era insípida e insignificante esta vida... em que a gente anda na escuridão a ouvir a lama chiar-lhe sob os pés, pensando que na manhã seguinte acordará para outro dia como este, com a eterna vodka, as eternas cartas, e nada mais. Horrível!

Ana Pavlovna caminhava a custo. Estava ainda sob a impressão do baile, da música, das conversas, das luzes, do rumor. Caminhava, e perguntava a si mesma por que Deus a castigava assim. Via-se amargurada, ofendida, quase sufocada de ódio ao ouvir ressoar atrás de si os pesados passos do marido. Muda, esforçava-se por encontrar alguma palavra ofensiva, mordente e cheia de veneno, para lançar-lhe... mas ao mesmo tempo compreendia que nenhuma palavra poderia ferir o fiscal. Que valiam palavras para ele? Nem o pior dos inimigos dela podia ter inventado situação mais desesperadora.

Os músicos, no entanto, continuavam a tocar, e a escuridão povoava-se de sons os mais dançantes e inflamantes.

RABINDRANATH TAGORE

Na história do conto a Índia desempenha papel dos mais relevantes. Os fiéis leitores desta coletânea não de se lembrar das páginas de tendências religiosa e didática extraídas de obras como o Pantchatantra,¹⁰¹ o Kathâsaritsâgara¹⁰² de Somadeva (à qual pedimos emprestado o título desta antologia), o Hitopadexa,¹⁰³ de Narayana, e um derivado dessas obras, o Calila e Dimna,¹⁰⁴ responsável pela conversão do vasto material de contos, apólogos, lendas e fábulas do Oriente. Devem lembrar-se, igualmente, de que Mil e uma noites,¹⁰⁵ essa coletânea já nitidamente profana, embora transmitida em árabe, tem também suas raízes em terras indianas.

A Idade Moderna trouxe consigo o retraimento do sânscrito e a expansão das línguas populares: hindi, bengali, urdu e tâmil. Durante muito tempo, a maior parte da literatura continua de caráter religioso: o material épico do Ramaiana e do Maabarata é transporto em línguas vernáculas e reelaborado. Mas só um escritor hindu moderno logrou conquistar fama no Ocidente: Rabindranath Tagore (1861-1941), o representante mais ilustre de eminente família de poetas, músicos, pintores e reformadores, décimo terceiro filho do maharsi¹⁰⁶ Devendranath Tagore. Nascido em Calcutá, criou-se num sobrado de cujo terraço podia contemplar a movimentada vida do rio Ganges.

Embora aluno medíocre, desde cedo revelou talento poético. Sua primeira viagem à Inglaterra deu-se em 1877; foi estudar, na Universidade de Londres, literatura, e familiarizou-se com a obra dos clássicos ingleses. Aos vinte anos publicou os Contos da tarde, o seu primeiro volume de poesia. Após outra viagem à Inglaterra e uma visita aos Estados Unidos, volta à Índia em 1911, e em Santiniketan funda uma escola ao ar livre, que aos poucos vai transformar-se na célebre Universidade Viswabharati. Já em 1908 saiu seu romance Gora, muitas vezes comparado ao Kim de Rudyard Kipling,¹⁰⁷ e no ano seguinte o volume de versos Gitanjali ("Um punhado de sonhos"), cuja edição inglesa foi prefaciada por Yeats, lhe trouxe fama internacional. Suas demais coletâneas de versos — A lua crescente e O jardineiro — encontraram repercussão universal, que culminou na

atribuição do Prêmio Nobel em 1913. Publicaria ainda vários romances, entre eles *Çaturanga* (“A quatro vozes”), traduzido por Cecília Meireles, onde relata o roteiro espiritual de um jovem, do ateísmo até a visão mística, e de uma jovem, que realiza Deus na vida cotidiana.

Escreveu também grande número de contos e novelas. Dava importância transcendental à arte do conto. “Compor histórias tem sido um hobby do próprio Criador.”¹⁰⁸ Para Tagore, as fábulas contadas pelas avozinhas eram um complemento indispensável das lições dos mestres-escolas.

Se suas novelas gozavam de popularidade sem igual, deviam-no menos à sua estruturação do que ao seu valor psicológico e à simpatia que esse aristocrata mostrava pelos pequenos e pelos pobres.¹⁰⁹

Entre seus dramas o mais conhecido é *A agência do correio*: nele um adolescente enfermo olha do seu leito para o mundo exterior, e aguarda com febril impaciência a resposta à carta que endereçou ao rei. É autor, também, de memórias intituladas *Naquele tempo*, e de ensaios. Segundo Girija K. Mookerje,

seu humanismo atingiu sem dúvida o apogeu em sua obra *A religião do homem*, na qual propõe a teoria de uma religião válida para todo gênero humano, uma religião que vencesse todas as concepções sectárias e conformistas das igrejas estabelecidas.¹¹⁰

Primeiro escritor importante a conferir dignidade ao idioma bengali, grande poeta místico, filósofo muitíssimo ouvido, era Tagore um indivíduo excepcional, que impressionou quantos o conheciam. Segundo o conde de Keyserling, “há muitos e muitos séculos não existe no mundo um homem igual a ele... o último personagem histórico de sua espécie foi Homero”.¹¹¹ Passou grande parte da segunda metade da vida viajando e procurando sempre reconciliar o Oriente com o Ocidente. Durante as lutas pela independência hindu foi alvo dos ataques de muitos compatriotas, mas nem por isso deixou de combater corajosamente os excessos do nacionalismo nascente. Suas obras, conquanto influenciadas por suas leituras europeias, são essencialmente indianas, e representam a alma hindu em busca de Deus e de uma identidade nacional.

O HOMEM DE CABUL

Mini, minha filha de cinco anos, não pode viver sem tagarelar. Creio até que em toda a vida não passou um minuto em silêncio. Sua mãe irrita-se frequentemente com isso, e gostaria de conter-lhe a garrulice, porém eu sou de outra opinião. Para Mini, ficar sossegada é coisa contra a natureza, e eu não lhe suporto o silêncio por muito tempo.

Assim vivemos mantendo uma conversa intensa.

Assim, certa manhã, quando eu me encontrava no meio do décimo sétimo capítulo do meu novo romance, minha pequena Mini entrou no quarto e, pondo sua mão na minha, disse-me:

— Papai, Ramdaial, o porteiro, chama um corvo um curvo. Ele é muito bobo, você não acha?

Antes que lhe pudesse explicar as diferenças entre uma língua e outra, ela já estava interessada noutro assunto:

— Papai, que pé que você acha? Bholá diz que tem um elefante nas nuvens e, quando chove, é porque ele sopra a tromba.

E enquanto eu, calado, tentava encontrar uma resposta a essa pergunta, ela saiu-se com esta:

— Papai, que parente da mamãe é você?

Tentei dizer-lhe com cara séria:

— Vá brincar com Bholá, Mini. Papai está ocupado.

A janela do meu quarto olha para a estrada. A menina acomodou-se a meus pés perto da mesa, e brincava batucando baixinho nos joelhos. Eu estava mergulhando no meu décimo sétimo capítulo, em que o herói Pratap Shing tomava Canchanlata, a heroína, em seus braços, e ia escapar com ela do terceiro andar do castelo, quando de repente Mini abandonou a sua ocupação e correu à janela gritando:

— Um cabulense, um cabulense!

E, de fato, na rua embaixo via-se um homem de Cabul andando devagar. Vestia o traje frouxo e manchado de seu povo e um turbante grande, e carregava um saco às costas e caixas de uvas nas mãos.

Não sei dizer o que minha filha sentiu ao avistar o homem; em todo o caso, pôs-se a chamá-lo em altos brados.

— Ai! — pensei com os meus botões. — O homem vai entrar, e nunca mais eu termino o meu capítulo 17.

Nesse mesmo instante, o homem de Cabul virou-se e olhou para a menina, o que a deixou trêmula de medo. Ela desapareceu e foi procurar, correndo, a proteção da mãe. Devia pensar que no saco grande que o homem carregava às costas podia haver duas ou três crianças como ela. Entretanto o mascate entrou pela porta e cumprimentou-me com um sorriso.

A situação de meu herói e da minha heroína estava tão precária que preferi interromper o trabalho para comprar alguma coisa, visto que Mini chamara o homem para a nossa casa. Fiz algumas comprinhas e entramos a falar de Abdur Rahman, os russos, os ingleses e a política de fronteiras.

Antes de sair, perguntou-me:

— Onde está a menina?

Aí, julgando que Mini já se livrara do seu acesso de medo, mandei-a chamar.

Ela ficou em pé junto à minha cadeira, olhando para o homem de Cabul e o seu saco. Ele ofereceu-lhe uvas e nozes, porém ela não se deixava tentar: foi é apertar-se a mim, com todas as dúvidas confirmadas.

Foi esse o primeiro encontro dos dois.

Alguns dias depois, no entanto, ao sair de casa fiquei surpreendido: avistei Mini sentada num banco perto do portão, dando grandes risadas e batendo papo com o grande cabulense. Tinha-se a impressão de que em toda a sua vida a minha filha não havia encontrado ouvinte tão paciente, a não ser na pessoa do pai. E logo a aba de seu pequeno sári ficou cheia de amêndoas e de uvas, presentes da visita.

— Por que deu tudo isso à menina? — perguntei, oferecendo-lhe uma moeda de oito anás.

Ele aceitou o dinheiro sem hesitar, e o embolsou.

Porém ao regressar, uma hora depois, percebi que a desgraçada moeda causara confusão duas vezes maior que todo o seu valor. Com efeito, o cabulense deu-a a Mini, e a mãe desta, notando o brilhante objeto redondo, caiu em cima da criança com estas palavras:

— Onde foi que você pegou moeda de oito anás?

— Foi o homem de Cabul quem me deu — respondeu Mini com prazer.

— Foi o homem de Cabul quem te deu! — exclamou a mãe scandalizada. — Oh, Mini! Como é que você pôde aceitá-la?

Entrei nesse momento e, salvando minha filha da catástrofe iminente, fui proceder a um inquérito.

Achei que os dois não se tinham encontrado nem pela primeira nem pela segunda vez. O cabulense vencera o primeiro medo da criança subornando-a pela oferta oportuna de nozes e de amêndoas, e agora eles eram grandes amigos.

Tinham umas brincadeiras estranhas, que os divertiam sobremaneira. Mini sentava-se em frente do homem, esquadrihava-o em todo o seu tamanho do alto de sua minúscula dignidade e perguntava-lhe com o rosto crispado pelo riso:

— Olá, cabulense, cabulense! Que é que você tem no saco?

Ao que ele respondia com o acento nasalado da gente montanhesa:

— Um elefante!

Não havia nisso motivo nenhum para alegria, mas como os dois apreciavam aquela brincadeira! Para mim, aquele bate-papo infantil com uma pessoa adulta sempre tinha algo estranhamente aliciante.

Então o homem de Cabul, para não ficar atrás, perguntava, por sua vez:

— E você, pequerrucha, quando vai à sua casa do seu sogro?

Toda meninazinha de Bengala já ouviu falar da casa do sogro; mas nós éramos algo progressistas e não falávamos dessas coisas diante dela, de sorte que a pergunta devia deixá-la um tanto perplexa. Mas não o demonstrava e perguntou com muito jeito:

— E você, tem ido lá?

Ora, entre pessoas da classe do cabulense é bem sabido que “a casa do sogro” tem duplo sentido. Essas palavras designam, por eufemismo, a prisão, lugar onde os outros cuidam de nós sem despendermos nada. O robusto mascate entendia a pergunta de minha filha neste sentido.

— Ora — dizia ameaçando com o punho um guarda invisível —, eu vou dar uma boa surra no meu sogro!

Ouvindo essas palavras e imaginando o pobre parente moído de pancadas, Mini dava gargalhadas, no que era imitada pelo seu ilustre amigo.

Eram manhãs de outono, o período do ano em que os reis de outrora saíam em busca de conquistas. Sem mexer-me do meu cantinho de Calcutá, deixava o espírito vaguar pelo mundo. Ao ouvir o nome de outro país qualquer, o meu coração ia visitá-lo, e ao avistar um forasteiro nas ruas eu tecia toda uma série de sonhos sobre os montes, os vales e as florestas de sua pátria distante, com sua casinha no meio, sua vida livre e independente, seus animais em redor. Cenas de viagem surgiam diante de mim, e passavam e repassavam pela minha imaginação muito mais vívidas, talvez por eu levar vida tão semelhante à de um vegetal; um convite para viajar teria caído sobre mim que nem um raio. Na presença daquele homem de Cabul eu era imediatamente transportado a pé de suas montanhas áridas, com pequenos desfiladeiros entre seus cumes altaneiros. Podia ver a fila de camelos transportando mercadorias e o grupo de comerciantes de turbante na cabeça, alguns carregando velhas armas de fogo e outras lanças, enveredando rumo à planície. Mas em tais momentos a mãe de Mini intervinha e implorava-me que “olhasse aquele homem”.

Infelizmente a mãe de Mini é muito impressionável. Basta-lhe ouvir um barulho na rua ou ver pessoas dirigirem-se a nossa casa para chegar à inevitável conclusão de que são ladrões ou bêbedos, ou cobras, ou tigres, ou malária ou baratas ou lagartas. Mesmo depois de tantos anos de experiências é incapaz de dominar os seus temores. Assim, estava cheia de dúvidas a respeito do homem de Cabul e costumava pedir-me que não deixasse de olhar para ele.

Quando eu, com um riso, tentava dissipar-lhe o medo, lançava olhares solenes em volta e me perguntava em tom grave:

“— Não havia casos de sequestros de crianças?”

“— Não era verdade que em Cabul ainda havia escravidão?”

“— Era tão absurdo supor que um gigante daqueles podia raptar uma criancinha?”

Eu respondia que, embora isso não fosse impossível, parecia muito pouco provável.

Essa objeção, porém, não vencia a sua apreensão. Como, porém, estas fossem vagas demais, não achava justo proibir a entrada do homem e a intimidade dos dois continuava no mesmo pé.

Uma vez por ano, em meados de janeiro, Rahman, o cabulense, costumava voltar à sua terra, e, quando o momento se aproximava, tornava-se muito atarefado, indo de casa em casa cobrando o que lhe deviam. Esse ano, no entanto, sempre encontrou tempo para visitar Mini. Um estranho poderia pensar que houvesse alguma conspiração entre os dois, pois, quando não podia vir de manhã, vinha à tardinha.

Eu mesmo espantava-me, de vez em quando, de encontrar aquele gigante de trajes folgados, carregado de embrulhos, num canto escuro do quarto; porém, quando Mini entrava a correr, toda sorrisos, aos gritos de "Cabulense, ô cabulense!", e os dois amigos, tão afastados em idade, se entregavam às velhas brincadeiras e às risadas de sempre, sossegava por completo.

Certa manhã, antes que ele tivesse decidido a partida, lá estava eu corrigindo provas tipográficas no escritório. Os raios do Sol chegavam-me aos pés através da janela, causando-me agradável sensação de calor. Eram quase oito horas. Transeuntes voltavam para casa, de cabeça coberta. De repente ouvi um rebuliço na rua e vi Rahman de mãos acorrentadas escoltado por dois policiais, seguido por uma turma de meninos excitados. Havia manchas de sangue em suas roupas, e um dos policiais segurava uma faca. Saí às pressas e, detendo o grupo, indaguei o que aquilo queria dizer. Pelo que ouvi de uns e de outros, um vizinho devia ao mascate o preço de um xale de Rampuri, mas recusava-se a pagá-lo e no calor da discussão levara uma facada de Rahman. Nesse momento o prisioneiro, no auge da excitação, entrou a chamar seu inimigo de nomes diversos, quando repentinamente na varanda da nossa casa apontou a pequena Mini com sua exclamação habitual:

— Ô cabulense, cabulense!

O rosto de Rahman aclarou-se quando ele se virou para a menina. Ele não estava carregando o saco de sempre, de modo que não podia falar do elefante com ela. Assim, ela passou logo para a segunda questão:

— Você vai à casa de seu sogro?

Rahman respondeu rindo:

— É lá que estou indo mesmo, pequerrucha!

E, vendo que a resposta não fez rir a criança, levantou as mãos acorrentadas.

— Ah! — disse — eu ia dar uma sova nesse velho, mas estou de mãos atadas.

Acusado de tentativa de morte, Rahman foi condenado a vários anos de prisão.

Passou-se algum tempo, e ele foi esquecido. Continuamos vivendo como sempre, no lugar de sempre, e só raramente, ou nunca, pensamos no montanhês outrora livre que estava purgando a sua pena na prisão. Até a minha Mini, de coração despreocupado,

esqueceu o velho amigo, lamento dizê-lo. Novos companheiros vieram encher-lhe o tempo. À medida que ficava mais velha, passava mais horas com outras meninas... a tal ponto que já não vinha, como outrora, para o quarto do pai, e raramente eu tinha a oportunidade de falar com ela.

Passaram anos. Mas uma vez o outono tinha chegado e nós estávamos fazendo preparativos para o casamento de nossa Mini, que ia realizar-se. Como Durga voltando a Kailas,¹¹² a luz da nossa casa também ia partir para a casa do esposo, deixando o pai na sombra.

A manhã estava radiosa. Depois das chuvas, o ar parecia lavado num repente, e os raios do Sol eram como que de ouro puro. Estavam tão brilhantes que faziam resplandecer mesmo as feias paredes de tijolo de nossas ruelas. As flautas nupciais tocavam desde o amanhecer, e o coração batia mais forte a cada explosão de som. Os queixumes da música bhairavi pareciam intensificar a mágoa que eu sentia com a aproximação da nossa despedida. Mini ia casar-se nessa noite.

Desde cedo a casa fora tomada de algazarra e azáfama. No pátio, o baldaquim esperava para ser suspenso em estacas de bambu; candelabros estavam sendo postos tinindo em cada quarto e na varanda. A presa e a excitação não tinham fim. Eu me achava sentado no escritório verificando contas, quando alguém entrou com uma saudação respeitosa e se postou à minha frente. Era Rahman, o cabulense. Não o reconheci de pronto: estava sem o saco, tinha os cabelos cortados rente, e já não demonstrava o antigo vigor. Mas reconheci-o pelo seu sorriso.

— Quando foi que você chegou, Rahman? — perguntei-lhe.

— Ontem à noite — respondeu. — Fui solto da prisão.

Essas palavras soavam ásperas a meus ouvidos. Nunca dantes havia conversado com alguém que tivesse ferido um semelhante, e senti o coração encolher-se quando me capacitei disso; ocorreu-me, com efeito, que o dia teria sido melhor se ele não houvesse reaparecido.

— Está havendo uma festa em casa — disse-lhe — e estou ocupado. Será que você poderia voltar outro dia?

Ele virou-se imediatamente e se dirigiu para a saída; mas ao chegar à porta perguntou com hesitação:

— Não poderia ver a meninazinha um instante, por favor?

Pensava que Mini continuava a mesma; imaginava que ela vinha correndo saudá-lo como sempre fazia, aos gritos de “Ô cabulense! Cabulense!” Imaginava também que iam conversar e soltar risadas juntos, como dantes. Com efeito: como lembrança dos dias antigos, trouxe, cuidadosamente embrulhados num papel, umas nozes e uns cachos de uvas que devia ter obtido de algum patrício, porque o pouco dinheiro que possuía acabou-se.

Repeti:

— Está havendo uma festa em casa, e você não poderá ver ninguém hoje.

Seu rosto manifestou decepção. Encarou-me sôfrego por um momento.

— Até amanhã — disse, e foi-se.

Fiquei um pouco triste, e ia chamá-lo de volta, mas o vi retornar espontaneamente.

Aproximou-se de mim para oferecer seus presentes.

— Trouxe estas coisinhas, doutor, para a pequerrucha. Quer entregá-las a ela?

Peguei-as, e ia pagá-las, mas o homem me deteve a mão:

— O senhor é bom demais. Não me ofereça dinheiro: quero é que guarde boa lembrança de mim. O senhor tem uma filhinha. Eu também tenho uma como ela em casa. Estou pensando nela e trago estas frutinhas para a sua menina; mas não para ganhar dinheiro.

Dizendo isto, meteu a mão na roupa frouxa e retirou de lá um pedacinho de papel sujo. Desdobrando-o com muito cuidado, passou a alisá-lo com as duas mãos sobre a mesa. O papel trazia a impressão de uma pequena mão. Não uma fotografia, nem sequer um desenho; apenas a impressão de uma mão besuntada de tinta e apoiada no papel. Esse toque da mão da filhinha, carregava-o sempre perto do coração, quando de ano em ano voltava a Calcutá para vender sua mercadoria nas ruas.

Lágrimas molharam-me os olhos. Esqueci que ele era um pobre fruteiro de Cabul, enquanto eu... Mas não, que é que eu tinha a mais que ele? Ele também era pai.

A impressão da mãozinha da sua pequena Parvati em suas montanhas distantes me fez lembrar a minha pequena Mini.

De um dos quartos internos mandei chamá-la imediatamente. Levantaram-se objeções, mas afastei-as todas. Metida em seu vestido nupcial de seda vermelha com um ornato de sândalo na frente e enfeitada como costumam ser as jovens noivas, Mini veio e se deteve modesta na minha frente.

O homem de Cabul ficou espantado com a aparição. Não sabia como reavivar a antiga amizade dos dois. Porém acabou sorrindo e perguntou:

— Menininha, está indo à casa do sogro?

Mas Mini agora entendia o sentido da expressão e não pôde responder como outrora. Ouvindo a pergunta, corou, e manteve-se cabisbaixa nos seus trajes de noiva em frente do homem.

Lembrei-me do dia em que Mini e o cabulense se encontraram pela primeira vez, e fiquei triste. Quando ela se foi, Rahman soltou um suspiro profundo e fitou o assoalho. Deve lhe ter ocorrido de súbito que a própria filha cresceu enquanto ele ficou tanto tempo ausente, e que teria de reconquistar a amizade dela também. Seguramente não a ia encontrar como a tinha deixado. De mais a mais, quanta coisa podia lhe ter acontecido durante aqueles oito anos!

As flautas nupciais voltaram a tocar, e a luz do Sol caía suave sobre nós. Rahman, porém, sentado na ruela de Calcutá, via ante si as montanhas áridas do Afeganistão.

Saquei uma cédula da carteira e a ele a entreguei dizendo:

— Vá, volte à filha, Rahman, em sua terra, e que o nosso feliz reencontro possa trazer boa sorte à minha menina.

Aquele presente obrigou-me a cortar alguns acessórios da festa: não pude ter a iluminação elétrica com que contava, nem a banda militar, e as senhoras da casa ficaram desapontadas. Porém, para mim a festa só fez ficar mais brilhante quando lembrava que um pai perdido desde muito tempo ia reencontrar a única filha.

Este livro de contos, conhecido no mundo inteiro, é uma compilação árabe que assumiu forma definitiva entre o século XIII e o XVI, porém cujos elementos remontam a épocas bem mais antigas. Para o árabe foi traduzido do persa, mas não foi na Pérsia que nasceu; como boa parte do tesouro novelístico da humanidade, provém da Índia antiga. Na redação sânscrita, seus contos — como aliás toda a literatura hindu — tinham cunho profundamente humano e filosófico, que os adaptadores islâmicos alteraram sucessivamente, salientando cada vez mais as feições maravilhosas e eróticas. O modelo persa intitulava-se Mil noites; o título de Mil e uma noites mostra influência turca. Em ambos os casos trata-se apenas de indicar uma grande quantidade indeterminada, e não o número exato dos contos, que evidentemente é muito menor.¹⁷⁰

Sob sua forma atual, as Mil e uma noites apresentam extraordinária mescla de motivos variadíssimos, provindos de todos os cantos da Terra. Além do fundo sânscrito, nelas encontramos reminiscências hebraicas (a própria figura de Xarazada evoca a da rainha Ester, do Velho Testamento); ¹⁷¹ motivos persas; anedotas do Cairo e de Bagdá, estas últimas cristalizadas em torno de Harum-al-raxid, o sábio califa; relatos de viagens fantásticas; e, também, elementos incontestavelmente ocidentais, derivados da antiguidade greco-latina e decerto trazidos ao Oriente pelos cruzados. Enquanto isto, as narrativas sobrevivem à tradição oral árabe, e A.J. Arberry, um dos tradutores mais recentes da obra, conta tê-las ouvido recitar por um contador de histórias na praça de Medina de Marrakesh, em 1952.¹⁷² Todos esses materiais heterogêneos unem-se num conjunto esplendido, caracterizado pela predominância do sobrenatural e do maravilhoso, e que, desde a tradução francesa de Galland (1704), é de popularidade enorme em todos os países civilizados. Como o Pantchatantra,¹⁷³ o Decameron,¹⁷⁴ o Heptameron¹⁷⁵ e tantas outras coletâneas, as Mil e uma noites são uma Rahmenerzählung, isto é, tem suas histórias enquadradas numa narrativa inicial, que a todas serve de pretexto e ponto de partida. Pareceu-nos de interesse dar justamente essa primeira narração, por sua vez entremeada de outras, não apenas por ser representativa de toda a novelística oriental, mas também por encontrar-se nela uma explicação de toda estrutura do livro.

Para a nossa tradução nos servimos da versão inglesa de Edward William Lane,¹⁷⁶ eminente orientalista que traduziu a obra durante sua longa estada no Cairo,

valendo-se de um texto colacionado por especialistas árabes.

A HISTÓRIA DE XAHRIYAR E DE XAH-ZEMAN

Conta-se (mas só Deus é onisciente, como também sumamente sábio, sumamente bom e todo-poderoso) que houve, em tempos remotos, um rei dos países da Índia e China que possuía numerosas tropas e guardas, e criados, e agregados: e tinha ele dois filhos, um dos quais era homem de idade madura, e o outro, jovem. Eram ambos os príncipes valentes cavaleiros; mas especialmente o mais velho, que herdara do pai o reino e governava seus súditos com tanta justiça que merecia louvores dos habitantes do país e de todo o império. Chamava-se rei Xahriyar; seu irmão mais novo tinha o nome de Xah-Zeman, e era rei de Samarcanda. A administração dos seus domínios era feita com retidão, cada um deles dirigindo seus súditos durante um período de vinte anos de máxima alegria e felicidade. Após esse período o rei mais velho sentiu vivo desejo de ver seu irmão, e ordenou ao vizir que fosse buscá-lo.

Seguindo, nesse particular, os conselhos do vizir, mandou sem demora preparar ricos presentes, tais como cavalos ajaezados de ouro e pedras preciosas, e eunucos, e belas virgens, e caros estofos. Então escreveu uma carta ao irmão exprimindo-lhe o grande desejo de vê-lo; e depois de a selar, e entregá-la ao vizir, junto com os presentes já mencionados, ordenou ao ministro que empregasse todo o esforço e pusesse a maior diligência em voltar.

O vizir respondeu de pronto:

— Escuto e obedeco.

E imediatamente se aprestou para a jornada: arrumou sua bagagem, aprontou a carga, e preparou todas as suas provisões dentro de três dias; e no quarto dia se despediu do rei Xahriyar, e saiu em direção às planícies e desertos. Viajou noite e dia; e, ao passar pela residência de cada um dos reis sujeitos à autoridade do rei Xahriyar, vinha o soberano ao seu encontro com ricas dádivas e adornos de ouro e prata, e o fazia passar consigo três dias; no quarto, acompanhava-o durante um dia e despedia-se depois. Assim continuou o seu caminho, até que chegou às portas da cidade de Samarcanda. Mandou, então, um mensageiro comunicar ao rei Xah-Zeman a sua próxima chegada. Entrou na cidade o mensageiro, perguntou o caminho do palácio, e, conduzido à presença do rei, beijou o solo diante dele e inteirou-o da aproximação do vizir de seu irmão; em vista do quê, Xah-Zeman determinou que os altos funcionários de sua corte e os grandes homens de seu reino saíssem por um dia ao encontro dele; e assim eles fizeram. E, quando o encontraram, deram-lhe as boas-vindas e viajaram ao lado de sua carruagem até voltarem à cidade. Então o vizir se apresentou ante o rei Xah-Zeman, saudou-o com uma prece em seu favor, à Divina Providência, beijou o solo em sua presença, e informou-o de

que seu irmão desejava vê-lo. Depois, entregou-lhe a carta. O rei tomou-a, leu-a, e inteirou-se de seu conteúdo; e respondeu manifestando-lhe o propósito de obedecer às ordens do irmão.

— Entretanto — disse ele dirigindo-se ao vizir —, não irei antes de passares aqui três dias.

De comum acordo, instalou-o num palácio condizente com sua categoria, alojou-lhe as tropas em tendas, e mandou cuidar de todos os alimentos e bebidas necessárias à excursão: e assim passaram três dias. No quarto dia preparou-se para a jornada, aprontou sua bagagem, e reuniu ricos presentes, conformes à dignidade de seu irmão.

Ultimados estes preparativos, fez partir suas tendas e camelos e mulas e criados e guardas, designou o seu vizir para governador do país durante sua ausência, e encaminhou-se para os domínios do irmão. À meia noite, porém, lembrou-se de haver deixado no palácio um objeto que deveria ter trazido consigo; e, voltando ao palácio para buscá-lo, lá viu a esposa dormindo em seu leito em companhia de um escravo negro, que caíra de sono para o lado dela. Ao contemplar esta cena, o mundo fez-se negro a seus olhos, e ele disse consigo mesmo: — “Se isto se dá antes de eu haver partido da cidade, qual será o procedimento desta vil mulher enquanto eu estiver com meu irmão?” Então sacou da espada e matou os dois no leito. Voltou sem demora, deu ordem de partida, e seguiu no rumo da capital de seu irmão.

Xahriyar, contente com a notícia de sua vinda, saiu ao encontro dele e o acolheu com o maior prazer. Em seguida, ordenou que a cidade fosse engalanada para a recepção, e sentou-se a entreter Xah-Zeman com alegre palestra. Mas o espírito de Xah-Zeman estava agitado por pensamentos acerca da conduta de sua esposa; dor profunda apoderara-se dele; e o semblante tornara-se pálido, e o corpo descarnado. Notou Xahriyar essa transformação, e, cuidando ser devida a achar-se ele ausente de seus domínios, absteve-se de importuná-lo com perguntas, até que, decorridos alguns dias, lhe disse por fim:

— Meu irmão, noto que teu corpo está emagrecido e teu semblante empalideceu.

Xah-Zeman retrucou:

— Ó irmão, eu tenho uma mágoa íntima.

E não disse nada a respeito do procedimento da esposa, de que ele próprio fora testemunha.

Então Xahriyar lhe disse:

— Gostaria que saíesses comigo a uma caçada; talvez assim o teu espírito se desanuviasse.

Ele, porém, recusou, e Xahriyar foi sozinho à caça.

Ora, havia no palácio do rei algumas janelas donde se descortinava uma perspectiva de seu jardim; e estava Xah-Zeman olhando uma delas, quando uma porta do palácio se

abriu, e saíram vinte mulheres e outros tantos escravos negros; e a esposa do rei, que se distinguiu por extraordinária beleza e elegância, acompanhou-os a uma fonte, onde todos se despiram e se sentaram juntos. Nisto a esposa do rei chamou, provocante:

— Ó Messud!

E no mesmo instante um escravo chegou-se a ela, e abraçou-a, fazendo ela outro tanto. Assim também os outros escravos, homens e mulheres; e todos estiveram entregues a essa distração até o cair da tarde. Vendo tal espetáculo, disse Xah-Zeman com seus botões: — “Por Alá! meu tormento é mais leve do que este!”

Sentou-se aliviado de seu vexame e pesar, e não tardou a comer e beber à vontade.

Quando seu irmão regressou da caçada, depois que os dois se saudaram, o rei Xahriyar observou Xah-Zeman, e, notando que lhe voltara a cor, e sua face recobrava o vermelho da saúde, e ele comia com apetite, depois de prolongada abstinência, ficou surpreendido e disse:

— Ó meu irmão, quando eu te vi a última vez, tinhas o rosto pálido, e agora te voltaram as cores. Conta-me o que houve.

— Quanto à mudança de minha natural aparência — respondeu Xah-Zeman —, eu te direi a causa dela; mas dispensa-me de te explicar a volta de minhas cores.

— Primeiro — pediu Xahriyar — conta a razão da mudança de teu aspecto, e de tua fraqueza; quero-te ouvir.

— Sabe, pois, meu irmão — disse o outro —, que, quando mandaste o teu vizir convidar-me a visitar-te, eu me preparei para a viagem, e depois que saí da cidade lembrei-me de haver deixado em casa a joia que te dei. Tornei, então, ao meu palácio, e lá encontrei minha mulher dormindo na minha cama em companhia de um escravo negro. Matei os dois e vim pra cá. No entanto, meu espírito ficou apreensivo com pensamentos acerca desse caso, e esta foi a causa da mudança do meu aspecto, e da minha fraqueza; agora quanto à volta de minha cores, dispensa-me de explicar-te a causa.

Porém Xahriyar, ouvindo estas palavras, disse:

— Conjuro-te, por Alá, a que me digas a causa da volta de tuas cores.

E Xah-Zeman repetiu-lhe o que vira.

— Eu gostaria de ver isso com os meus próprios olhos — declarou Xahriyar.

— Então — disse Xah-Zeman — anuncia que vai de novo à caça, e esconde-te aqui comigo, e serás testemunha do procedimento dela, e obterás a prova ocular do fato.

A isto, Xahriyar de pronto anunciou que era seu intento fazer outra excursão. As tropas saíram da cidade com as tendas, e o rei acompanhou-as; e após haver repousado por um momento no campo, disse para seus criados:

— Não deixem ninguém vir aonde estou.

E disfarçou-se, e voltou a ter com o irmão no palácio, e sentou-se a uma das janelas observando o jardim. E, depois de permanecer ali breve espaço de tempo, viu as

mulheres e sua esposa que entravam no jardim com os escravos negros, e fizeram como seu irmão havia descrito, continuando assim até a hora da prece.

Ao presenciar esta ocorrência, o rei Xahriyar sentiu fugir-lhe a razão da cabeça e disse a seu irmão Xah-Zeman:

— Levanta-te, e caminhemos sem destino, e renunciemos à condição de rei, até que vejamos se tal calamidade aconteceu a alguma outra pessoa, como a nós; se não, será preferível nossa morte à nossa vida.

O irmão aceitou a proposta, e saíram os dois por uma porta secreta do palácio, e caminharam sem parar, dias e noites, até que chegaram a uma árvore no meio de um prado, à beira-mar, perto de uma fonte. Beberam dessa fonte, e sentaram-se a descansar. E, quando o dia tinha avançado um pouco, o mar tornou-se agitado ante os seus olhos, e eles viram erguer-se do mar uma coluna negra, que subia para o céu e se aproximava do prado. Feridos de espanto em face do espetáculo, treparam na árvore, que era alta, e dali procuraram ver o que seria aquilo; e viram que era um Jinni,¹⁷⁷ de gigantesca estatura, larga fronte, e corpulento, que trazia à cabeça um cofre. Chegou a terra e dirigiu-se à árvore a que os dois reis haviam trepado. Sentando-se debaixo dela, abriu o cofre, e tirou dele outra caixa, que também abriu, e dela saiu uma jovem, loura e bela como o brilhante Sol. O Jinni voltou os olhos para ela e disse-lhe:

— Ó moça de nobre raça, que eu arrebatei na noite das tuas núpcias, tenho desejo de dormir um pouco.

E reclinou a cabeça no joelho dela, e adormeceu. Então a donzela ergueu a cabeça em direção à árvore, e viu lá os dois reis. Depois, afastou do joelho a cabeça do Jinni e, deitando-a no solo, ficou de pé sob a árvore, e fez sinais aos dois reis, como se dissesse: — “Desçam, não tenham medo desse Efrit.”

Eles lhe responderam:

— Suplicamos-te, por Alá, que não nos obrigues a isso.

Ela, porém, retorquiu:

— Eu vos suplico, pelo menos, que desçais; se não o fizerdes, despertarei esse Efrit, e ele vos fará morrer de cruel morte.

Sentindo-se amedrontados, eles desceram e, depois de haverem ficado com ela o tempo que ela exigiu, a moça tirou da algibeira uma bolsa, e da bolsa tirou um cordão, do qual pendiam 98 anéis, e disse-lhes:

— Sabeis o que é isto?

Eles responderam:

— Não.

— Os donos destes anéis — disse ela — foram todos admitidos a conversar comigo, como vós, sem que o soubesse o tolo desse Efrit; por isso, dai-me vossos anéis, senhores irmãos.

Assim lhe deram eles seus dois anéis, de seus dedos; e ela disse-lhes:

— Esse Efrit me arrebatou na noite de meu casamento, e colocou-me na caixa, e pôs a caixa no cofre, e pôs no cofre sete fechaduras, e depositou-me assim encarcerada, no fundo do mar rugidor, debaixo das brilhantes ondas; ignorando que, quando uma de nosso sexo deseja realizar um objetivo, nada a pode impedir. É como diz o poeta:

“Não te fies nas mulheres; não creias em suas promessas:

Seu bom ou mau humor depende de um capricho.

Elas oferecem um falso amor; sob as suas vestes oculta-se a
[perfidia.

Que a história de Yussuf te sirva de lição para te defenderes
[das astúcias femininas.

Não refletas que Íblis expulsou Adão por causa de uma
[mulher?”

E outro poeta diz:

“Evita censurar: isto fortalecerá o censurado, e converterá
[o desejo em paixão violenta.

Se eu sofro tal paixão, meu caso é igual ao de muitos
[homens antes de mim.

Em verdade, é motivo de grande espanto aquele que se
[manteve a salvo dos artifícios femininos.”

Ouvindo dos lábios da moça estas palavras, sentiram-se eles tocados do mais vivo espanto, e disseram um para o outro:

— Se a este, que é um Efrit, aconteceu uma calamidade maior do que a nós, há nisto razão para nos consolarmos.

E imediatamente partiram, regressando à cidade.

Mal entraram no palácio, Xahriyar mandou decapitar a esposa, o mesmo fazendo com as mulheres e os escravos negros. E desde então adotou este costume: cada vez que possuía no seu leito uma virgem, matava-a no fim da noite. Assim fez durante um período de 3 anos; e levantou-se contra ele o clamor público, e todos fugiram com suas filhas, e na cidade não ficou uma só virgem núbil. Tal era a situação, quando o rei ordenou ao vizir que lhe trouxesse uma virgem, como de costume. O vizir saiu a procurá-la, não encontrando nenhuma.

Voltou vexado e enraivecido, receando o que o rei poderia fazer.

Ora, tinha o vizir duas filhas: a mais velha chamada Xarazada, e a mais moça, Dunyazad. A primeira havia lido vários livros de história, e as vidas de reis anteriores, e relatos de gerações passadas: afirma-se que ela reunira mil volumes de histórias relativas a gerações passadas e reis antigos, e obras de poetas. Vendo o pai, disse-lhe:

— Por que estás assim tão mudado, cheio de tanta inquietação e desgosto? Lembra-te de que já o disse o poeta:

Conta ao que está amargurado que a amargura não durará: Como passa a felicidade assim também passa a

amargura.

Ouvindo estas palavras de sua filha, o vizir contou-lhe tudo o que lhe acontecera com relação ao rei. Ao que ela disse:

— Por Alá, ó meu pai! Dá-me por esposa a esse rei: ou eu morrerrei, e servirei de resgate a uma das filhas dos muçulmanos, ou viverei, e assim elas se livrarão dele.

— Peço-te, por Alá — ele exclamou —, que não te exponhas a semelhante perigo.

Ela, porém, disse:

— É preciso que assim seja.

— Pois eu receio que te suceda o mesmo que sucedeu no caso do burro, do boi e do lavrador.

— E que caso foi esse, meu pai? — perguntou ela.

— Sabe, ó minha filha — disse o vizir —, que havia um mercador que possuía riquezas e rebanhos, e tinha mulher e filhos; e Deus, cujo nome deve ser louvado, dotara-o também da ciência da língua dos animais e dos pássaros. A morada deste mercador ficava situada no campo; e ele tinha em sua casa um burro e um boi. Quando o boi chegou ao lugar onde estava amarrado o burro, achou-o varrido e borrifado, e em sua manjedoura havia cevada peneira e palha cortada, e o burro estava deitado a gosto, pois seu dono costumava cavalgá-lo só uma vez ou outra, quando os negócios o exigiam, voltando sem tardança. Ora, um dia aconteceu que o mercador ouviu, por acaso, o boi dizendo ao burro: — “Que a tua comida te faça bom proveito! Estou exausto de fadiga, e tu estás aí a repousas tranquilo; comes cevada peneirada, e os homens te servem; e só uma vez ou outra teu dono te monta, e volta; enquanto eu vivo continuamente a arar e a rodar o moinho.” E o burro ao boi: — “Quando fores ao campo, e eles te puserem a canga no pescoço, deita-te, e não te levantes mais, ainda que eles te batam; ou, se te levantares, deita-te outra vez. E, quando eles te trouxerem de volta, e puserem as favas diante de ti, não as comas, como se estivesses doente. Abstém-te de comer e beber por um dia, ou dois, ou três; e assim acharás descanso para as tuas penas e labores.” Pois bem: quando trouxeram a forragem ao boi, ele mal comeu um pouco; e no dia seguinte, quando o cocheiro veio buscá-lo para lavrar, encontrou-o com aparência de muito doente. Então disse o mercador: — “Pega o burro, e faze-o puxar o arado o dia inteiro no lugar do boi.” Assim fez o homem; e quando, ao anoitecer, o burro voltou, o boi agradeceu-lhe o obséquio que lhe fizera aliviando-o de sua aflição naquele dia. Porém o burro não lhe deu resposta, pois se arrependera amargamente. No outro dia veio de novo o lavrador, agarrou o burro e arou com ele até o cair da tarde. O burro voltou com o pescoço esfolado pela canga, e reduzido a um estado de extrema fraqueza. Olhou para ele o boi, e agradeceu-lhe, e o louvou. O burro exclamou então: — “Eu vivia à vontade, mas fui meter-me na vida alheia, e o resultado foi este!” Depois, disse ao boi: — “Fica sabendo que eu sou um que gostaria de dar-te o bom aviso: eu ouvi o nosso dono dizer: — ‘Se o

boi não se levanta deste lugar, leva-o ao carniceiro, que ele o matará e fará uma nata com o seu couro.' Por isso estou com receio da tua sorte, e faço-te esta advertência. A paz seja contigo." Ouvindo tais palavras do burro, o boi agradeceu-lhe e disse: — "Amanhã eu irei alegremente." Comeu toda a forragem e até lambeu a manjedoura. O dono, entretanto, estivera escutando a conversa. Na manhã seguinte o mercador e sua esposa foram à manjedoura do boi e lá se sentaram. E veio o cocheiro e levou o boi. E, quando o boi viu o dono, sacudiu a cauda, e por gestos e ruídos mostrou sua alegria, saltando em roda de tal maneira que o mercador riu de cair de costas. A mulher, surpreendida, perguntou-lhe: — "De que estás rindo?" Ele respondeu: — "De uma coisa que vi e ouvi; mas não a posso revelar, pois se o fizesse morreria." Disse ela: — "Deves contar-me a causa do teu riso, ainda que isto te custe a vida." — "Não a posso revelar — disse ele. — O medo da morte impede-me de fazê-lo." — "Ah! Tu riste de mim" — disse ela. E não cessou de instar com ele, e importuná-lo, até que o homem, inteiramente vencido, e como louco, chamou seus filhos e mandou-os buscar o cádi e testemunhas, para fazer o testamento, e revelar o segredo à mulher, e morrer: pois ele a amava em extremo, visto que ela era filha de seu tio paterno, e a mãe de seus filhos, e ele vivera com ela até a idade de cento e vinte anos. Tendo reunido a família, e os vizinhos, o mercador contou-lhes sua história, e disse-lhes que, apenas revelasse o segredo, morreria. Então cada um dos presentes disse à mulher: — "Nós te rogamos, por Alá, que desistas disso, e não deixes morrer teu marido, o pai de teus filhos." Ela porém respondeu: — "Eu não descansarei enquanto ele não me disser, ainda que isso lhe custe a vida." Diante disso, cessaram eles de lhe fazer pedidos; e o mercador deixou-os ali, e foi ao estábulo fazer a ablução, para em seguida tornar, e contar-lhes o segredo, e morrer. Ora, ele tinha um galo, com cinquenta galinhas sob seu domínio, e tinha também um cão; e ouviu o cão chamar o galo e censurá-lo dizendo: — "És feliz quando o nosso dono vai morrer?" O galo perguntou: — "Como assim?" E o cão relatou-lhe o caso. No fim o galo exclamou: — "Por Alá! o nosso dono não é muito inteligente. Eu tenho cinquenta mulheres, agrado a esta, esfastio àquela, e vou vivendo. Pois ele, que só tem uma, não sabe resolver sua questão com ela? Por que é que ele não pega umas varas de amoreira, e entra no quarto, e dá-lhe até que ela morra ou se arrependa? Nunca mais ela lhe faria pergunta sobre coisa alguma." Tendo ouvido as palavras do galo ao cão, o mercador recobrou o juízo e decidiu-se a bater na mulher. — Agora — disse o vizir a sua filha Xarazada — talvez eu possa fazer contigo o que o mercador fez com a mulher.

Ela perguntou:

— Que foi que ele fez?

E o pai respondeu:

— Depois de cortar algumas varas de amoreira, entrou no quarto e guardou-as lá. E chamou a mulher: — "Entra aqui no quarto, que eu te contarei o segredo antes que

alguém me veja, e depois morrerá.” E, logo que ela entrou, ele fechou a porta do quarto, e bateu-lhe até que ela ficou quase sem sentidos e exclamou: — “Estou arrependida.” E todos, inclusive a própria família dela, ficaram satisfeitos. E os dois viveram na maior felicidade até a morte.

Tendo a filha do vizir ouvido estas palavras de seu pai, disse-lhe:

— Deves fazer o que eu pedi.

Então ele preparou-a e foram ao rei Xahriyar. Ora, ela dera instruções à irmã mais jovem, dizendo-lhe: — “É necessário que tu venhas, como eu te pedi; vem ter comigo, e aguarda ocasião oportuna para me dizer: — ‘Ó minha irmã, conta-me alguma história maravilhosa para entreter nossa noite de vigília’ — e eu te contarei uma história que, se Deus for servido, por meio dela conseguiremos o resgate.”

Seu pai, o vizir, levou-a ao rei. Este, ao vê-lo, ficou muito contente, e disse:

— Trouxeste-me o que eu desejava?

Ele respondeu:

— Sim, trouxe.

Diante disso, quando o rei se apresentou à jovem, ela chorou.

E ele perguntou-lhe:

— Por que te afliges?

E ela respondeu:

— Tenho uma irmã nova, e grato me seria despedir-me dela.

Disse o rei que ela fosse. E foi ter com sua irmã, e abraçou-a, e sentou-se ao pé da cama. E, depois de esperar ocasião oportuna, a irmãzinha disse:

— Por Alá! ó minha irmã, conta-nos uma história para entreter as horas de vigília da nossa noite.

— Com o maior prazer — disse Xarazada —, se este virtuoso rei permitir.

E o rei, ouvindo estas palavras, e achando-se inquieto, sentou-se contente à ideia de ouvir a história. E então, na primeira noite das mil e uma, Xarazada principiou as suas narrações.

O sorrisinho malicioso que este nome acende em muitos lábios é a expressão inconsciente dum falso juízo tradicional. Vários leitores conhecem apenas o contista libertino, o narrador ousado de escabrosas histórias de amor, o divertido castigador dos desregramentos de frades pecadores. Sem dúvida, Boccaccio foi tudo isso, mas foi também muito mais: um grande e típico representante da Renascença, cuja complexa personalidade não cabe nem num sorriso nem num adjetivo.

Filho natural de um rico mercador florentino e de uma parisiense (fato que é de costume sublinhar quando se analisam os componentes do espírito do grande contista), Giovanni Boccaccio nasceu em Paris, em 1313. Passou os anos mais belos de sua ociosa mocidade na alegre corte dos Anjous, em Nápoles, onde namorou a filha do rei Roberto, celebrando-a em verso e prosa. Viu-se forçado a abandonar essa vida agradável por insistência do pai, que o queria encaminhar ao comércio e só desistiu de tal projeto após o malogro absoluto do filho. Desde então, consentiu em que este seguisse os seus pendores artísticos, o que significava para Boccaccio não só a possibilidade de uma vida mais livre, senão também a obrigação de sérios estudos e de atenta observação do ambiente.

Tudo isso foi indispensável para que da rica fonte de seu gênio pudesse brotar, entre muitas obras menos importantes, o Decameron, que desde o primeiro momento encontrou repercussão enorme entre os leitores. Publicado o livro, continuou a levar a mesma existência agradável, misto de prazeres e estudos, da qual transpiram reminiscência em tantas páginas da sua obra-prima. Pelo fim da vida teve uma crise de consciência, voltou à religião e condenou severo as obras da juventude, inclusive o próprio Decameron, que deveria conquistar-lhe a imortalidade.

Tal como seu grande amigo Petrarca, que tinha em pouquíssima estima os sonetos de que era autor e esperava tornar-se famoso por outras obras, escritas em latim, e hoje de todo esquecidas, Boccaccio confiava muito mais na sobrevivência e seus escritos latinos, eruditíssimos e pesados, tais como um compêndio de mitologia, um dicionário de geografia antiga etc., agora definitivamente sepultados sob a poeira das bibliotecas.

Não foi esta a sorte do Decameron, que vive mais do que nunca. Toma o autor como pretexto de sua narração a peste de 1348, que obriga sete moças e três moços da alta

sociedade florentina a refugiarem-se numa vivenda de campo, onde passam os dias longos a contar histórias, uma por cada dia cada um. Assim, a coletânea, dividida em dez dias (donde o nome grego Decameron), vem a incluir cem contos, precedidos e seguidos de comentários dos membros da companhia. Nem todas as histórias são licenciosas, nem mesmo cômicas; e nem todas são contos no sentido amplo da palavra alternando-se por vezes anedotas com verdadeiras novelas. Grande a variedade dos tons; o interesse dos enredos nunca diminui. Porém o maior valor do conjunto residirá no admirável quadro da época e do ambiente, nesse turbilhonar de centenas de figuras, cada qual mais viva, todas colhidas na realidade.

Essas personagens, como, aliás, a própria sociedade que representam, não se preocupam muito com as leis morais; entanto, Boccaccio retrata-as não raro com simpatia, conquanto obedecem às leis universais do instinto, às exigências do amor. Bem mais condenáveis, são aos olhos do contista, aqueles que as põem em dúvida mas, em segredo, a elas sucumbem: os frades e as freiras pecadoras, representantes de uma Igreja então em franca decadência. Dante, homem da idade média, na indignação de sua ardente fé ofendida, regalava-os aos círculos horríveis do "Inferno", Boccaccio, precursor da idade moderna, com o sorriso de ceticismo colocava-os no pelourinho de seu Decameron. Os contemporâneos, reparando somente na feição erótica do livro, logo lhe puseram o subtítulo de Príncipe Galeoto. "É a comédia humana em veste clássica, observada com olhar agudo e sereno, reproduzida com uma fina ironia inexorável, demolidora e subversiva no que tem de cômico em seus vícios e em suas virtudes."¹⁶²

Entre as histórias de conteúdo não erótico figura a dos três anéis, corajosa apologia da liberdade religiosa, em plena idade média, e que, volvidos alguns séculos, inspirou a Lessing o drama Natão, o Sábio, grandioso manifesto a favor da liberdade das consciências. A diferença entre essa história e, por exemplo, a do frade ingênuo e da florentina astuta, que também damos aqui, pode sugerir uma ideia bem justa da diversidade do gênio de Boccaccio. Este último conto, por sua vez, foi imitado por Bonaventure des Periers¹⁶³ nas Novas recreações.

Com o Decameron, pela primeira vez na história das línguas novas derivadas do latim aparece a prosa literária. Construindo períodos longos e complicados, Boccaccio queria visivelmente imitar os seus queridos autores latinos, sobretudo Cícero; mas, quanto ao resto, é bastante original, e comunica um forte hálito de vida à sua narração, acumulando pormenores cheios de realismo, e em particular aos diálogos, dando-lhes grande vivacidade e exatidão de tom.

O Decameron, com as suas cem histórias palpitantes e variadas, constitui um tesouro de assuntos literários intensamente aproveitados pelos escritores de todas as idades e de todos os países. Porém sua importância principal consiste em haver cristalizado a forma ocidental do conto e suscitado uma série infinita de imitadores e continuadores.¹⁶⁴

POR MEIO DO CONTO DOS TRÊS ANÉIS O JUDEU MELQUISEDEC AFASTA UM GRANDE PERIGO QUE SALADINO LHE HAVIA PREPARADO

Saladino, cujo valor foi tal que não somente o fez subir de homem humilde a sultão da Babilônia, mas também lhe permitiu alcançar muitas vitórias sobre os reis sarracenos e cristãos, tendo gastado todo o seu tesouro em diversas guerras e em grandíssimas magnificências, e precisando, em razão de certo acidente inesperado, de boa soma de dinheiro, sem saber de onde pudesse obtê-la tão prontamente como desejava, lembrou-se de um judeu rico, de nome Melquisedec, que usurava em Alexandria, e achou que este, se o quisesse ajudar, tinha com quê. Era porém tão avaro que por sua vontade nunca o faria; por outro lado, o sultão não queria forçá-lo. Portanto, premido como estava da necessidade, deu tratos à imaginação para obrigar o judeu a prestar-lhe o serviço, e deliberou, por fim, recorrer à força, encobrindo-a, todavia, de algum pretexto. Mandou então chamá-lo. Recebendo-o com familiaridade, fê-lo sentar e disse-lhe:

— Ilustre homem, ouvi a diversas pessoas que és sapientíssimo, e mui entendido na cousas de Deus. Por isso muito gostaria de saber qual das três Leis consideras a verdadeira: a judaica, a sarracena, ou a cristã.

O judeu, que era, na realidade, homem sábio, entendeu muito bem que Saladino buscava enredá-lo nas palavras para depois armar uma desavença; compreendeu que não podia colocar nenhuma das três Leis acima das duas outras sem que o sultão lograsse o seu intuito. Devia dar uma resposta com que não pudesse comprometer-se. Aguçando o espírito, achou prontamente o que havia de dizer, e falou assim:

— Senhor, bela, em verdade, é a pergunta que me acabais de fazer. Para dizer-vos o que me parece a esse respeito, convém que vos narre uma historietta e que vós a ouçais. Lembra-me, salvo engano, ter ouvido diversas vezes a história de um homem poderoso e rico de antanho, o qual, entre outras joias de alto valor possuía, em seu tesouro, um anel mui precioso e belo. Em homenagem ao valor e beleza desse objeto, queria deixá-lo para sempre com seus descendentes. Ordenou, pois, que aquele de seus filhos em cujas mãos se encontrasse o anel como legado do pai se considerasse seu herdeiro, devendo ser honrado e reverenciado pelos irmãos como o chefe da família. O filho a quem ele deixou a joia procedeu de maneira igual com seus descendentes, e assim o anel andou de mão em mão por muitas gerações. Finalmente chegou às mãos de um membro da família que tinha três filhos belos e virtuosos, todos muito obedientes ao pai, razão por que os amava igualmente a todos três. E cada um dos filhos (os quais todos conheciam a tradição da joia), desejando tornar-se o mais honrado entre os seus, rogava como melhor podia ao pai, já idoso, que no momento da morte lhe deixasse o anel. O bom do homem, que os amava no mesmo grau, não sabia resolver a qual deles deixar a joia. Tendo-a prometido a cada um, queria no entanto satisfazê-los a todos. Mandou então fazer, em

segredo, por um bom artífice, dois outros anéis tão parecidos com o primeiro que a mesma pessoa que os encomendara mal sabia qual fosse o verdadeiro. Chegando-lhe a hora da morte, deu secretamente um anel a cada um dos filhos. Morto o pai, cada um deles quis entrar na posse da herança e da honra, negando esse direito aos outros dois. Para comprovar que procedia com razão, cada um exibiu, nessa altura, o próprio anel. Sendo, porém, os anéis tão semelhantes entre si que não se podia saber qual fosse o verdadeiro, a questão sobre qual seria o herdeiro legítimo do pai ficou em pendência, e pendente ainda está. Pois é este o caso, senhor, das três Leis dadas por Deus aos três povos, a respeito das quais me fizestes a pergunta. Cada um deles crê possuir a herança de Deus, a sua Lei verdadeira e os seus mandamentos; mas quem os possui de veras, isso é ainda questão para ser resolvida, como a dos anéis.

Reconheceu Saladino que Melquisedec se saíra otimamente do laço que lhe havia armado; deliberou então revelar-lhe abertamente a sua necessidade, para ver se ele o socorreria. Assim fez, descobrindo-lhe o que se preparara para fazer se ele não lhe houvera respondido com tanta discrição. O judeu pôs espontaneamente à disposição de Saladino toda a quantia de que precisava. Este mais tarde lhe pagou tudo; além disso, deu-lhe valiosíssimos presentes e considerou-o sempre seu amigo, mantendo-o junto a si num cargo elevado e honroso.

A PRETEXTO DE CONFISSÃO, E DE PURÍSSIMA CONSCIÊNCIA, UMA DAMA ENAMORADA DE UM JOVEM INDUZ INGÊNUO FRADE, SEM QUE ESTE O PERCEBA, A AJUDÁ-LA NA REALIZAÇÃO COMPLETA DE SEUS DESEJOS

Nesta nossa cidade, mais cheia de enganos que de amor e fé, não faz ainda muito tempo viveu uma fidalga ornada de beleza e bons costumes, a quem a natureza deu, como a poucas, alma ativa e engenho sutil. O seu nome, como qualquer outro que pertença a esta novela, embora o saiba, prefiro não o revelar, pois ainda vivem pessoas que com isso ficariam molestadíssimas, quando o caso seria para morrer de riso. Apesar de sua alta linhagem, casou-se ela com um artífice tecelão. Nunca, porém, conseguiu livrar-se de um sentimento de desprezo em relação ao marido, por que, pensava, nenhum homem de baixa condição, por mais rico que fosse, era digno de pretender a mão de uma fidalga. Como se convencesse de que, com todas as suas riquezas, o marido não ia além de tecer uma mescla, urdir uma tela ou discutir sobre o fio com as teceloas, resolveu fugir-lhe aos abraços, sempre que possível, e procurar, para sua satisfação, homem mais digno dela. Apaixonou-se por um homem na verdade excelente, um fidalgo em toda força da idade, e chegou ao ponto de não poder fechar os olhos de noite quando pelo dia não o tinha visto. Mas o gentil-homem, como não percebesse nada, não lhe deu nenhuma atenção; e a mulher, temendo os perigos que de tal ato pudesses decorrer, não se atrevia a mandar-

Ihe recado por meio de carta nem de serva.

Verificou, entretanto, que o objeto dos seus votos se dava muito com certo frade tido por todos, em razão de sua vida santíssima, embora bem gordo e rotundo, como clérigo de muita virtude, e achou que este seria ótimo intermediário entre ela e o jovem. Depois de muito refletir sobre como devia proceder, foi, numa hora conveniente, à igreja onde o frade oficiava, mandou chamá-lo, e pediu-lhe que a ouvisse em confissão.

O frade, que logo viu tratar-se de uma fidalga, atendeu-a com muito gosto, e ela depois de confessada disse:

— Devo decorrer a vós, padre meu, para que me ajudeis e me aconselheis no assunto que ides ouvir. Bem sei que conheceis meus pais e meu marido. Este me ama ainda mais que a própria vida, nem posso nada desejar que logo dele o não obtenha, permitindo-lhe a sua riqueza satisfazer-me em tudo. Por isso eu também o amo mais do que a mim própria; e, se cometesse, ou simplesmente pensasse, alguma coisa contra a sua honra ou prazer, nenhuma mulher criminosa seria mais digna do fogo do que eu. Ora, um homem, cujo nome ignoro, mas que me parece pessoa de bem e, se não me engano, dá-se muito convosco, belo e grande de aparência, que traja roupa castanha muito bem-feita, está me assediando, sem dúvida por não conhecer minha maneira de pensar a respeito de tal assunto. Não posso pôr a cabeça à porta ou à janela, nem sair de casa, sem que ele imediatamente me apareça; admiro até que não esteja agora aqui. Seus modos me enojam muito, pois são modos assim que muitas vezes comprometem a mulheres as mais honestas. Deliberei mandar-lhe isto por meus irmãos, mas depois mudei de parecer, visto que os homens transmitem às vezes os recados de modo que provocam respostas ásperas, de onde nascem outras palavras, das quais se passa às vias de fato. Para evitar todo e qualquer escândalo, calei-me e decidi falar convosco antes de com outra qualquer pessoa, em parte porque pareceis ser amigo dele, em parte porque vos convém censurar atos dessa espécie, não somente a amigos, senão também a estranhos. Assim, peço-vos, pelo amor de Deus, que o admoesteis e o convideis a não perseverar em seus intentos. Outras mulheres haverá, talvez muitas, dispostas a dar-lhe atenção e gostar de seus olhares e galanteios; por mim, dão-me apenas profundo desgosto, pois de maneira alguma quero ocupar-me de tal matéria.

Disse, e baixou a cabeça como quem quisesse chorar.

O santo frade identificara logo o homem a quem a mulher se referia, e cumulou-a de elogios por suas honestas disposições. Acreditando firme em tudo quanto acabara de ouvir, prometeu fazer o necessário para ela ver-se livre do enfado dos cortejos. Depois, sabendo-a muito rica, entrou a exaltar ante ela as obras de caridade e esmola, e comunicou-lhe as suas necessidades; mas a mulher interrompeu-o:

— Peço-vos ainda, pelo amor de Deus, que, se ele procurar negar o fato, lhe digais que fui eu mesma que vos contei tudo e me queixei do seu procedimento.

Acabada a confissão e recebida a penitência, lembrou-se a mulher das observações do frade acerca da esmola, encheu-lhe escondidamente a mão de dinheiro, e pediu-lhe dissesse missa por alma dos seus mortos; depois do quê, despediu-se e foi para casa.

Pouco depois o fidalgo veio ter com o amigo, segundo costumava. Durante algum tempo conversaram disto e daquilo, até que o frade o chamou à parte e com muita cortesia lhe exprobrou os intuitos e a perseguição que estava movendo à senhora que o acabara de visitar. Muito estranhou o fidalgo a acusação, pois nunca tinha olhado para a mulher e até raramente passava diante da casa dela. Procurou desculpar-se, mas o amigo não o deixou falar:

— Não finjas estranheza, nem percas palavras em negar, que nada conseguirás. Não foi por nenhum vizinho que eu vim a saber do caso: ela mesmíssima esteve aqui ainda agora, e contou-me tudo e queixou-se amargamente de ti. Essas brincadeiras já não são para a tua idade; por outro lado, posso afirmar-te que, se já encontrei mulher enfasiada com tais inépcias, foi aquela. Peço-te, pois, por tua honra e para sua consolação, que fiques em teu lugar e a deixes em paz.

O fidalgo, bem mais esperto que o santo frade, compreendeu sem muita demora a sagacidade da mulher. Simulou vergonha e prometeu que nunca mais se meteria com a vida dela; mas, apenas deixou o frade, correu logo a passar diante da casa da mulher. No vão de uma pequena janela esperava esta o momento de vê-lo passar, e tão alegre e gentil se mostrou que ele de pronto considerou como interpretara bem as palavras do frade. Desse dia em diante passou mais frequentemente por aquela rua, posto que muito cauteloso e fingindo outros que-fazer; e fazia-o com muito gosto seu e máximo prazer da dama.

Esta, percebendo, ao cabo de algum tempo, que não agradava menos ao fidalgo do que ele a ela, concebeu o desejo de o acender ainda mais e, ao mesmo tempo, certificá-lo do amor que ele lhe inspirava. Voltou um dia à igreja a ter com o santo frade, e, prostrando-se-lhe aos pés, pôs-se a chorar. Comovido, o clérigo perguntou-lhe que tinha.

— Meu pai — disse-lhe a mulher —, o que eu tenho, devo-o, ainda, ao vosso amaldiçoado amigo de quem há poucos dias me queixei. Parece que ele nasceu para minha grandíssima provação e para me fazer cometer coisas tais que nunca mais eu possa ter alegria nem me atreva a pôr-me a vossos pés.

— Como! — exclamou o frade — então não se absteve de te incomodar?

— Certamente não; pelo contrário. Desde o dia em que estive aqui, talvez se zangasse por eu haver falado, pois, por uma vez que passava anteriormente pela minha porta, passa agora sete vezes. Oxalá se contentasse com isso! Mas é tão ousado e despudorado que ainda ontem se atreveu a mandar-me a casa uma mulher com recados e galanteios, e, como seu eu precisasse disto, enviou-me um cinto e uma bolsa. Estou de tal modo ofendida que, não fora o meu receio do pecado e minha afeição a vós, teria

feito o diabo; mas contive-me e resolvi não dizer nem fazer nada antes de vos falar. Já tinha devolvido a tal bolsa e o cinto à mulherzinha que os trouxera, e despedira-a asperamente, quando me ocorreu que talvez ela acabasse conservando-os e pretendendo que eu os aceitara. Sei que essas mulheres às vezes assim procedem. Fi-la voltar, e encolerizada arranquei-lhe da mão os dois objetos: ei-los aqui; trouxe-os para que lhos devolvais, dizendo-lhe que não preciso de seus brindes. Graças a meu marido, tenho tantos cintos e tantas bolsas que quase me afogo neles. E, se doravante ele não se abster de tais práticas, com vossa licença hei de tudo dizer a meu marido e a meus irmãos, aconteça o que acontecer; porque prefiro que ele receba maus tratos a que seja eu censurada por causa dele, ouvistes?

Com isto, sempre a chorar, tirou de sob a capa uma preciosa e bela bolsa e um cinto de grande valor, e atirou-os ao regaço do frade. Este, acreditando em tudo quanto a mulher contara, tomou-os muito perturbado, e disse:

— Não me admira, ó minha filhinha, ver-te irritada com tais coisas, e, longe de censurar-te, louvo-te muito por seguires em tudo os meus conselhos. Repreendi o homem outro dia, e ele me fez grandes promessas, mas parece não as cumprir; mas deixa estar, que hei de esquentar-lhe os ouvidos de maneira que nunca mais te molestará. Com a bênção de Deus, por enquanto não te deixes vencer da cólera a ponto de contar o caso a um dos teus, pois grandes males poderiam disso resultar. Nem temas que nunca te possa ser levantada alguma censura por esse motivo: eu serei sempre, perante Deus e os homens, testemunha firmíssima da tua honestidade.

A dama fingiu reconfortar-se um pouco e, conhecendo bem a cobiça dos homens, deixou escapar estas palavras:

— Meu pai, nestas últimas noites me têm aparecido em sonho vários defuntos meus. Parece que estão sofrendo muito, e não me pedem outra coisa senão esmolas. Especialmente a pobrezinha da mamãe pareceu-me aflitíssima e tão desgraçada que me dá pena. Deve sofrer muito de me ver atribulada por esse inimigo de Deus. Gostaria imenso que dissésseis por suas almas quarenta missas de são Gregório e algumas daquelas vossas orações, para que Deus as tire daquele horrível fogo.

Assim falado, pôs-lhe na mão um florim, que o santo frade alegremente recebeu, confirmando a mulher em sua devoção com boas palavras e muitos belos exemplos, e deixando-a partir com sua bênção.

Sem a menor ideia de que mofavam dele, mandou chamar o amigo. Este, mal entrou, vendo-o perturbado, logo adivinhou que teria notícias da mulher, e aguardou que o frade falasse. Repetiu-lhe o frade as palavras da sua penitente, admoestou-o em tom irado e injurioso, e lançou-lhe em rosto o pretense crime. Como o fidalgo ainda não percebia aonde queria chegar o religioso, protestou molemente, para não provocar dúvidas se por acaso a mulher lhe houvesse entregado os presentes. Porém o frade, exasperadíssimo,

exclamou:

— Ousas negar, homem pervertido? Ei-los; foi ela mesma quem mos trouxe, chorando: reconheces os teus presentes?

O fidalgo fingiu-se muito envergonhado:

— Pois sim, reconheço-os, e vos confesso ter procedido mal; e, sabendo das vossas disposições, juro-vos que nunca mais vos molestareis com este assunto.

Houve muitas palavras ainda; no fim, o simplório frade entregou a bolsa e o cinto ao amigo, admoestando-o vivamente e pedindo-lhe deixasse de cuidar de tais coisas, e não o despediu senão depois de novas promessas.

Apenas saiu da casa do frade, o fidalgo, certo agora do amor da mulher e alegre com o belo presente, passou em frente da casa dela e cautelosamente lhe mostrou ter um e outro objeto, o que causou grande prazer à fidalga, contentíssima de ver tão bem encaminhado o seu desígnio.

Agora ela já não aguardava outra coisa senão uma ausência do marido para levar a cabo a sua obra. Um dia aconteceu dever este viajar a Gênova: de manhã montou a cavalo e partiu. No dia seguinte, a mulher foi ter com o santo frade, e após muitas lamentações disse-lhe, em pranto:

— Meu pai, sabeis que eu já não posso aguentar. Outro dia vos prometi nada fazer sem vos informar de antemão. Pois, para verdes quantas razões tenho de queixar-me e de chorar, sabeis o que o vosso amigo, ou antes, aquele diabo do Inferno, me fez hoje antes do amanhecer. Havendo sabido, não por que má sorte, que meu marido partira ontem de manhã para Gênova, hoje de manhãzinha se introduziu no meu jardim, subiu a uma árvore e atingiu assim a janela do meu quarto; já a tinha aberto e ia entrando, quando eu, subitamente desperta, me levantei em sobressalto e me pus a gritar. Mas ele implorou-me por Deus e por vosso respeito que não fizesse barulho. Atendi-o, então, e calei-me, mas nem por isso deixei de correr à janela, nuinha como estava, para dar-lhe com o batente na cara. Retirou-se, por fim, o maldito homem: pelo menos não o vi mais. Vede se é coisa que se faça ou que se suporte; por mim, acho que já sofri bastante por afeição a vós, e não pretendo sofrer mais.

Ao ouvir estas palavras, o frade tornou-se o homem mais perplexo deste mundo, nem sabia que dizer; limitou-se a perguntar várias vezes se estava bem certa de que o intrujão era o amigo dele.

— Oxalá não pudesse ainda distingui-lo de outro! — exclamou a mulher. — Foi ele mesmo, sem a menor dúvida, e, se por ventura o negasse, não haveríeis de o crer.

— Minha filhinha — replicou o frade —, outra coisa não posso dizer senão que foi grande atrevimento e ação bem feia. Por tua parte, fizeste o que devia fazer, mandando-o embora. Mas, já que Deus te livrou da vergonha, peço-te seguires mais uma vez o meu conselho, como já por duas vezes o fizeste. Sem te queixares a nenhum de teus

parentes, deixa o caso comigo; quero ver se contenho esse demônio desenfreado que eu considerava um santo. Se posso conseguir que desista de sua bestialidade, tanto melhor; se não, dar-te-ei licença, com a minha bênção, para fazeres com ele o que te vier à cabeça.

— Está certo — respondeu ela —, desta vez ainda não quero desobedecer-vos; mas vede que ele não me importune mais, por que — eu vo-lo afirmo — nunca mais voltarei aqui por este assunto.

Sem nada mais dizer, como estonteada, partiu.

Apenas tinha saído, chegou o fidalgo. Chamado à parte pelo frade, ouviu deste a maior grosseria que jamais se disse a um homem, e viu-se tachado de desleal, perjuro e traidor. Como já em duas ocasiões precedentes havia compreendido o que significavam as censuras do amigo, prestou-lhes muita atenção e procurou induzi-lo a falar, por meio de respostas evasivas, perguntando até:

— Por que tanta cólera, ó mestre? Acaso crucifiquei Jesus Cristo?

— Olhai o despudorado! Escutai o que ele diz! Dir-se-ia que se passou um ano, ou mais, depois de suas últimas torpezas, e já não se lembra de nada. Já esqueceste a injúria feita ainda agora a uma pessoa? Onde estiveste pouco antes do levantar do Sol?

— Não sei bem onde estive — respondeu o fidalgo. — De qualquer maneira, vós o soubestes bem cedo.

— Ora se soube! Naturalmente acreditaste que, por estar-lhe ausente o marido, a fidalga te receberia imediatamente nos braços! Sim senhor, é um homem honesto, e tornaste-te andarilho noturno, ladrão que penetra em jardins alheios e trepa às árvores para assaltar casas. Acreditaste, então, vencer pela surpresa a santidade daquela mulher? Foi por isso que subiste à árvore até a sua janela? Nada neste mundo lhe desagrada tanto como tu; nem tu te deves agradar a ti mesmo. Sem lembrar todas as demonstrações de desagrado que ela te deu, em verdade aproveitaste muito bem as minhas admoestações! Pois escuta uma coisa: se ela até hoje se calou a respeito de tuas façanhas, não por amor a ti, mas unicamente por atenção a meus pedidos; mas de agora por diante não mais há de calar, pois eu lhe dei licença de fazer o que entender, se mais uma vez a enjoares. Que farás se ela contar tudo aos irmãos?

O fidalgo, tendo entendido bem o que lhe era mister saber, tranquilizou o frade o melhor que pôde por meio de muitas e grandes promessas, e o deixou.

Na mesma noite, antes do amanhecer, estava já no jardim. Trepando à árvore, achou a janela aberta. Penetrou no quarto e com impaciência lançou-se nos braços de sua bela amante. Esta, tendo-o esperado com o mais intenso desejo, o recebeu alegremente, e disse:

— Muito obrigada ao padre-mestre, que tão bem te ensinou o caminho para vires aqui.

E depois, trocando prazeres, conversando e divertindo-se muito com a tolice do ingênuo frade, e zombando de mesclas, cardas e pentes, começaram a brincar com grande deleite. Depois combinaram seu negócio de sorte que, sem mais recorrerem ao frade, pudessem encontrar-se de novo e passar com igual deleite muitas noites, o que Deus, por sua santa misericórdia, queira conceder quanto antes a mim e a todas as almas cristãs que isto desejam.

COM UM BANQUETE DE GALINHAS E ALGUMAS PALAVRAS GRACIOSAS A MARQUESA DE MONTFERRATO REPRIME O INSENSATO AMOR DO REI DE FRANÇA

O marquês de Montferrato, homem de alto valor, gonfaloneiro da Igreja, tinha ido além-mar tomar parte numa cruzada de cristãos, à mão armada; e como, um dia, na corte del-rei Filipe, o Zarolho, o qual se aprestava para partir da França a fim de juntar-se àquela expedição, se conversava acerca do valor do marquês, afirmou um cavaleiro que não debaixo das estrelas casal semelhante a este e sua esposa, e que tanto era o marquês famoso entre os cavaleiros por todas as virtudes quanto sua esposa era belíssima e virtuosa entre todas as mulheres do mundo.

De tal sorte penetraram tais palavras no espírito do rei de França que, sem nunca a ter visto, de súbito se pôs a amar fervorosamente a fidalga, e resolveu não embarcar para incorporar-se à cruzada senão em Gênova, com o fito de, dirigindo-se para lá por terra, ter plausível pretexto para ver a marquesa, pois julgava que, ausente o marquês, talvez lhe fosse possível saciar seu desejo.

Assim resolveu, e assim fez. Mandando o seu exército à frente, pôs-se ele mesmo a caminho, acompanhado de pequena comitiva de gentis-homens. Chegado às proximidades da terra do marquês, mandou com um dia apenas de antecedência avisar a dama de que deveria esperá-lo para almoçar no dia seguinte.

A dama, prudente e atilada, respondeu alegremente que maior não podia ser a graça, e que el-rei seria bem-vindo. Ao mesmo tempo, entrou a meditar, ansiosa, na significação da visita de tão poderoso monarca na ausência do marido; nem tardou muito a adivinhar que era a fama da sua beleza que o atraía. Entrementes, como senhora honesta disposta a honrá-lo, fez chamar os homens de bem que ali haviam permanecido. No tocante a todas as particularidades da recepção deu suas ordens em conformidade com os conselhos deles, mas reservou para si a organização do banquete e do cardápio. Determinou a aquisição imediata de quantas galinhas se pudessem achar na região, e que seus cozinheiros preparassem para o real banquete vários pratos somente com aquilo.

No dia aprazado chegou el-rei e foi pela fidalga recebido com muita festa e honras. Ao vê-la, Filipe achou-a muito mais linda, honesta e de boas maneiras do que as palavras do

cavaleiro haviam feito supor. Disto se maravilhou sobremodo, elogiou-a vivamente, e tanto mais se lhe acendeu o desejo quanto a julgava superior à imagem que dela formara.

Após haver descansado algum tempo num aposento ornadíssimo de quanto convinha em se tratando de tão poderoso monarca, el rei, à hora do almoço, sentou-se a uma das mesas com a fidalga, e os outros foram honrados em outras mesas, cada um segundo sua condição. Servido sucessivamente de muitos pratos e de ótimos e preciosos vinhos, e, ademais, olhando a espaços para a belíssima dama, sentia el-rei intenso prazer. À medida, porém, que se seguiam os pratos, pôs-se ele a ficar algum tanto admirado ao perceber que, não obstante a grande variedade das iguarias, não havia nenhuma que não fosse de galinha. E, conquanto soubesse que naquele lugar abundava caça de toda espécie e, havendo avisado a dama com antecedência, lhe tivesse dado tempo para a caçada, deliberou, apesar de todo o seu espanto, não lhe pedir explicação a não ser a respeito das galinhas; e, volvendo-se para ela de rosto alegre, perguntou:

— Senhora, será que neste país só nascem galinhas, e nenhum galo?

À marquesa, que entendeu perfeitamente a pergunta, pareceu-lhe que o próprio Deus lhe enviara no momento oportuno para que assim pudesse demonstrar sua intenção; ousadamente encarou El-rei, e respondeu:

— Não, senhor; mas as fêmeas, ainda que difiram algo das outras em trajés e honras, nem por isso deixam de ser feitas aqui como alhures.

Ouvindo estas palavras, compreendeu el-rei o motivo do banquete de galinhas e o sentido oculto na resposta, e persuadiu-se de que com semelhante mulher em vão gastaria palavras, nem de nada lhe valeria a força; e que por isso, assim como desavisadamente por ela se acendera, sabiamente havia de apagar, para sua própria honra, aquele fogo mal concebido. Destarte, sem mais motejá-la, temendo-lhe as respostas, abriu mão de toda a esperança e, findo o banquete, para poder disfarças com a rápida partida a vinda desonrosa, agradeceu-lhe as honrarias recebidas, recomendou-a a Deus e partiu para Gênova.

EDGAR ALLAN POE

A vida breve do primeiro grande escritor do continente americano, tragicamente intensa, ainda hoje se acha, apesar do esforço dos biógrafos,¹²⁴ um tanto envolta em mistério. Edgar Allan Poe (1809-1849) era filho de um casal de pobres atores que sem muito êxito percorriam as cidades norte-americanas. O pai, não se sabe se abandonou a mãe ou faleceu pouco após o nascimento de Edgar; sabe-se apenas que ela morreu no abandono mais completo quando o filho andava pelos dois anos. Recolhido caridosamente em casa do rico negociante escocês John Allan (cujo nome de família Poe acrescentaria ao próprio nome) e de sua esposa, teve a criança educação esmerada; seus pais adotivos levaram-na aos melhores colégios. Desde cedo deu sinais de uma inteligência e de um talento poético singulares, mas também de um temperamento indisciplinado e altivo, que o levou a desavenças com o sr. Allan, transformadas em conflito quando, em Virgínia, onde cursava a universidade, o jovem Poe começou a viver desregradamente e a contrair dívidas. Assim, viu-se forçado a abandonar os estudos e alistou-se no Exército. Havendo servido dois anos, reconciliou-se com o sr. Allan e entrou na Academia Militar de West-Point, de onde se fez expulsar de propósito, por não suportar a excessiva disciplina.

A partir desse momento, definitivamente renegado pelo sr. Allan — a sra. Allan, que tanto gostava do “seu menino”, tinha morrido —, a vida de Poe torna-se difícil, sem nenhuma estabilidade. Colabora em numerosos jornais e revistas, a alguns dos quais assegura a prosperidade, sem poder permanecer muito tempo em nenhum deles; vem a ser conhecido e até famoso, mas nem por isso consegue meios para garantir uma vida pelo menos decente a si mesmo e às duas abnegadas criaturas cuja afeição o acompanha nos tranSES mais dolorosos: sua prima e esposa Virgínia Clemm, e a mãe desta. Fazem-se cada vez mais frequentes os acessos de doença, as crises de alcoolismo, as polêmicas desenfreadas e os conflitos pessoais de Poe. Em 1847, Virgínia morre tuberculosa. Em 1849, em circunstâncias inelucidáveis, Edgar Allan Poe é recolhido em estado inconsciente numa das ruas de Baltimore, talvez os agentes eleitorais de uma campanha que estava em pleno desenvolvimento o houvessem embriagado para fazê-lo

votar em um dos candidatos. Logo depois morreu, apenas dez dias antes da data fixada para seu segundo casamento, com uma viúva rica.

Além de poemas de estranha beleza, entre os quais "O corvo", tão célebre, de um romance, As aventuras de Artur Gordon Pym, e numerosos artigos de crítica e de teoria literária. Poe escreveu muitos contos, e pode ser considerado um dos criadores do short story moderno. Nessas obras — afirma Baudelaire¹²⁵ — "a entrada é sempre atraente sem violência, como num turbilhão. Sua solenidade surpreende e mantém o espírito alerta. Sente-se logo que se trata de algo grave. E devagar, aos poucos, desenrola-se uma história cujo interesse repousa todo num imperceptível desvio do intelecto, numa hipótese audaciosa, numa dosagem imprudente da natureza no amálgama das faculdades. O leitor, presa de vertigem, vê-se forçado a seguir o autor em suas envolventes deduções. Ninguém, repito, contou com maior magia as exceções da vida humana e da natureza; — os ardores de curiosidade da convalescença; — os fins de estação carregados de enervantes esplendores, quentes, úmidos e brumosos, em que os olhos se enchem de lágrimas que não vêm do coração; — a alucinação, deixando a princípio lugar à dúvida, e logo após convicta a raciocinadora como um livro; — o absurdo instalando-se na inteligência e governado-a com espantosa lógica; — a histeria usurpando o lugar da vontade, a contradição estabelecida entre os nervos e o espírito, e o homem desarmonizado ao ponto de exprimir a dor pelo riso"¹²⁶.

Essa maravilhosa definição de Baudelaire, que revelou Edgar Poe aos leitores europeus, refere-se, sobretudo, aos contos fantásticos e terríficos, como "Os fatos no caso do sr. Valdemar", em que, durante sete meses, um cadáver é impedido de se dissolver por influência hipnótica; "O gato preto", caso de um gato morto por um sádico, a quem outro gato denuncia como assassino da própria mulher; "A queda da Casa de Usher", história do irmão neurótico que enterra a irmã antes de morta; e, principalmente, "O homem da multidão", talvez o mais impressionante de todos, justamente porque não tem verdadeira ação e o horrível se concentra por inteiro no ambiente.

Outro grupo é formado pelos chamados "contos de raciocínio", a primeira forma do conto policial moderno. A ele pertencem o famoso "O escaravelho de ouro", baseado todo na decifração de um criptograma, e os três casos de Dupin, o detetive amador, predecessor de Sherlock Holmes, Arsênio Lupin e tantos outros: "Os assassinios da Rua Morgue", "O mistério de Maria Roget" e "A carta furtada", em que a solução do problema é sempre alcançada pela aplicação de uma lógica rigorosa.¹²⁷

O HOMEM DA MULTIDÃO

Ce grand malheur, de ne pouvoir être seul¹²⁸

abandonadas de Londres passarem com andar vacilante. O bruxuleante espírito do velho reanimou-se ainda, como lâmpada prestes apagar-se para sempre. Mais uma vez começou a avançar a passo firme. De súbito, ao dobrar uma esquina, fomos ofuscados por uma luz muito viva: estávamos ante um dos vastos templos suburbanos da intemperança, um dos palácios do demônio Gim.

Ia quase amanhecendo, porém certo número de ébrios infelizes apinhavam-se ainda na estrada pomposa. Com mal contido guincho de alegria o velho forçou a entrada, e, readquirindo de repente os ares primitivos, entrou a passear em todas as direções através da multidão, sem objetivo claro. Não se havia detido muito nessa ocupação, quando o movimento precipitado da freguesia em direção à porta o fez compreender que o dono ia fechar a casa. O que observei então no rosto do estranho ser que tão obstinadamente velava era algo bem mais intenso que o maior desespero. Sem hesitar, porém, recomeçou a sua carreira com uma energia louca e tornou ao lugar donde viera, ao coração da imensa Londres. Fugiu durante muito tempo, e depressa, enquanto eu lhe corria atrás, no auge do espanto, resolvido a não deixar de mão o meu inquérito, pelo qual agora sentia um interesse absorvente.

Nesse meio tempo o Sol se levantara e, quando afinal atingimos o centro mais movimentado da populosa cidade, isto é, a avenida do Hotel D., achamo-la com um aspecto de alvoroço e de atividade humana pouco inferiores àquilo que eu vira na noite da véspera. Ali, ainda por muito tempo, no meio da azáfama crescente, persisti na minha perseguição. Mas o desconhecido, como sempre, andava de um lado para outro, e levou o dia inteiro sem sair do tumulto daquela rua. Quando avançavam as sombras da segunda noite, eu estava mortalmente cansado, e, parando bem defronte do ancião, encarei-o com firmeza. Sem me perceber, ele continuou seu passeio solene, enquanto eu, deixando de acompanhá-lo, fiquei absorto em meditações — “Este velho” — disse por fim — “é o tipo e o gênio do crime profundo. Ele recusa-se a ficar sozinho. É o homem da multidão.” Debalde o perseguiria: nada mais poderia saber a respeito dele nem dos seus atos. O pior coração do mundo é um livro mais volumoso que o Hortulus Animae;¹³³ talvez seja uma das grandes bênçãos de Deus que es laesst sicht nicht lesen.¹³⁴

A CARTA FURTADA

Nil sapientiae odiosius acumine nimio¹³⁵

Sêneca

Em Paris, logo após o cair de uma noite borrascosa do outono de 18..., estava eu

gozando o prazer duplo da meditação e de um cachimbo de espuma do mar em companhia do meu amigo C. Auguste Dupin, na sua pequena biblioteca ou gabinete, au troisième, n. 33, rue Dunôt, Faubourg Saint-Germain. Havia pelo menos uma hora que mantínhamos silêncio profundo, enquanto cada um de nós, aos olhos de um eventual observador, podia parecer propositada e exclusivamente ocupado com os anéis remoinhantes de fumaça que empestavam o ar do quarto. Quanto a mim, no entanto, estava discutindo comigo mesmo certos assuntos que haviam constituído o objeto de nossa palestra no começo daquela tarde; refiro-me ao caso da rua Morgue e do mistério que envolvia o assassinio de Maria Roget.¹³⁶ Refletia na espécie de relação entre os dois casos, quando a porta se abriu e deu passagem ao nosso velho conhecido Monsieur G., o chefe de polícia de Paris.

Cumprimentamo-lo cordialmente, pois o homem era quase tão divertido quanto desprezível e não o víamos desde muitos anos. Estávamos sentados na escuridão, e Dupin levantou-se para acender uma lâmpada, mas logo se assentou sem o fazer, depois de G. ter declarado que vinha para nos consultar, ou antes, para pedir a opinião do meu amigo acerca de um assunto oficial que rendera muitos aborrecimentos.

— Se é algum assunto que exige reflexão — observou Dupin abstendo-se de acender a torcida —, examiná-lo-emos melhor no escuro.

— Mais uma de suas ideias excêntricas — disse o chefe de polícia, que costumava chamar excêntrico a tudo que estava além de seu alcance e, destarte, vivia no meio de uma legião de "excentricidades".

— É mesmo — concordou Dupin oferecendo um cachimbo ao seu visitante e puxando para ele uma cadeira confortável.

— Em que consiste agora a dificuldade? — perguntei. — Nada mais do gênero assassinato, penso eu.

— Oh! não, nada disso. O caso é, na realidade, muito simples, e estou certo de que a nós o resolveremos bem; mas pensei que Dupin gostaria de ouvir os pormenores justamente por ser o caso tão extremamente esquisito.

— Simples e esquisito — observou Dupin.

— Pois é isso mesmo; quer dizer, é e não é. O fato é que ficamos bastante intrigados justamente porque o caso é tão simples e, ao mesmo tempo, nos confunde a todos.

— Talvez seja a própria simplicidade do fato que os põe em xeque — disse o meu amigo.

— Que contrassenso! — replicou o chefe de polícia, com um riso cordial.

— Talvez o mistério seja um pouco simples demais — disse Dupin.

— Deus do Céu, quem já ouviu externar tal ideia?

— Um pouco evidente demais.

— Ah! ah! ah!... ah! ah! ah!... oh! oh! oh!... — rugia o nosso visitante, divertido em

excesso. — Você, Dupin, ainda me vai matar com as suas!

— Afinal, de que é que se trata? — perguntei.

— Bem, eu vou-lhes contar — replicou o chefe de polícia depois de haver tirado uma longa, firme e contemplativa cachimbada, e ter-se acomodado em sua cadeira. — Vou contá-lo em poucas palavras; antes de começar, porém, devo avisá-lo de que se trata de um caso que exige o mais absoluto segredo, e que, segundo todas as probabilidades, eu perderia a situação que tenho agora se soubessem que o confiei fosse a quem fosse.

— Continue — disse eu.

— Ou não — disse Dupin.

— Pois bem: recebi uma informação pessoal, de alta fonte, de que determinado documento da maior importância foi furtado dos aposentos reais. Conhece-se o indivíduo que o furtou; não há dúvida quanto a isso; foi visto ao pegar o documento. Consta, também, que este ainda se encontra em suas mãos.

— Como pode isso constar? — perguntou Dupin.

— Infere-se bem claro da natureza do documento e do não aparecimento de certos resultados que não deixariam de se verificar apenas o documento saísse das mãos do ladrão — quer dizer, apenas ele o empregasse como deve querer empregá-lo.

— Seja um pouco mais explícito — pedi.

— Bem, posso arriscar-me a revelar que o papel confere ao seu detentor certo poder em certo meio onde tal poder é extremamente valioso.

O chefe de polícia tinha a mania do jargão diplomático.

— Ainda assim não estou entendendo direito.

— Não? Pois bem: a revelação do documento a uma terceira pessoa, que não nomearei, poria em jogo a honra duma personalidade da mais elevada situação, e esse fato confere ao detentor do documento certo poder sobre a ilustre personagem cuja honra e paz estão assim comprometidas.

— Mas esse poder — interrompi — depende de o ladrão saber que a pessoa furtada lhe conhece a identidade. Quem ousaria...

— O ladrão — disse G. — é o ministro D., que é capaz de tudo, tanto das coisas dignas de um homem quanto das indignas. A maneira como perpetrou o furto revela não menos engenho que audácia. O documento em apreço — uma carta, para ser franco — tinha sido recebido pela personagem furtada quando ela se encontrava sozinha no boudoir¹³⁷ do rei. Durante a leitura dele foi interrompida por outra alta personalidade, da qual especialmente queria esconder o papel. Depois de procurar metê-lo às pressas numa gaveta, o que não conseguiu, foi forçado a deixá-lo aberto como estava, sobre a mesa. Mas, como o sobrescrito ficava por cima, o conteúdo, invisível, não despertava atenção. É nesse momento que entra o ministro D. Seus olhos de lince veem sem demora o papel, reconhecem a letra do sobrescrito, observa a confusão do destinatário, sonda-

lhe o segredo. Após a discussão de alguns assuntos oficiais, tratados por ele na sua maneira açodada, saca de uma carta algo semelhante à carta em apreço, abre-as, finge que a lê, e logo depois a coloca junto à outra. Em seguida, põe-se a conversar de novo sobre os assuntos públicos. Por fim, ao despedir-se, apanha na mesa a carta que não lhe pertencia. O destinatário viu tudo, mas, naturalmente, não quis chamar a atenção para o fato em presença da terceira personagem que estava a seu lado. O ministro safou-se, deixando a sua própria carta — que não tinha a menor importância — sobre a mesa.

— Assim, pois — disse-me Dupin —, você tem exatamente o que pediu para tornar completo o poder do ladrão: o fato de este saber que a vítima tem conhecimento do furto.

— Sim — respondeu o chefe de polícia —, e o poder assim obtido tem sido explorado, durante alguns meses, para fins políticos, numa extensão muito perigosa. A personalidade furtada está convencida cada vez mais da necessidade de reaver a sua carta, coisa que não pode, é óbvio, ser feita às claras. Afinal, levada ao desespero, confiou o caso a mim.

— O agente mais sagaz — acrescentou Dupin no meio de um perfeito remoinho de fumaça — que, a meu ver, ela possa ter desejado ou sequer imaginado.

— Você está-me lisojeando — replicou o chefe de polícia —, mas é possível que tal opinião tenha sido concebida.

— É claro, como você observa — disse eu —, que a carta ainda está em poder do ministro: portanto é a posse da carta e não qualquer utilização dela que outorga o poder. Utilizada a carta, o poder desaparece.

— É exato — replicou G. —, e foi esta convicção a base das medidas que tomei. Antes de tudo, revistei minuciosamente o quarto do ministro. Aí a principal dificuldade consistia na necessidade de fazer as buscas à revelia dele. Com efeito, eu tinha sido especialmente avisado do perigo que podia resultar do fato de lhe darmos motivo para suspeitar da nossa intenção.

— Mas — disse eu — você está bem au fait¹³⁸ nesse gênero de investigações. A polícia de Paris já as tem praticado mais de uma vez.

— Sem dúvida; e foi isto que me deu alguma esperança. Os hábitos do ministro constituíram também, para mim, grande vantagem. Muitas vezes ele passa a noite fora de casa. A sua criadagem não é muito numerosa. Dormem a certa distância do apartamento do amo e, como são napolitanos, embriagam-se com facilidade. Como vocês sabem, eu tenho chaves com que posso abri qualquer gabinete ou quarto em Paris. Nestes últimos três meses não se passou uma noite cuja maior parte eu não tivesse levado a rebuscar, em pessoa, o palacete de D. A minha honra está em jogo, e — para revelar um grande segredo — a recompensa é enorme. Assim, não abandonei a pesquisa enquanto não cheguei à conclusão de que o ladrão é mais astuto do que eu mesmo.

Suponho ter enquadrinhado todos os recantos do prédio onde o papel poderia achar-se escondido.

— Não será possível, entretanto — sugeri —, que, estando a carta em poder do ministro, como sem dúvida está, ele a tenha escondido em outro lugar que não o seu palacete?

— É quase impossível — disse Dupin. — A situação peculiar da Corte neste momento, e em especial as intrigas em que D. notoriamente se encontra envolvido, tornam a aproveitabilidade imediata do documento, isto é, a possibilidade de ele ser produzido no momento oportuno, um elemento quase tão importante como a sua posse.

— A possibilidade de ele ser produzido? — perguntei.

— Ou melhor, de ele ser destruído — disse Dupin.

— É verdade — concordei. — O papel, então, deve estar mesmo no prédio. Quanto à possibilidade de o ministro carregá-lo consigo, ela pode ser excluída de antemão.

— Inteiramente — confirmou o chefe de polícia. — Ele foi duas vezes agredido de emboscada por falsos salteadores e revistado com rigor sob a minha própria inspeção.

— Você podia ter-se poupado a esse incômodo — disse Dupin. — D., suponho, não é de todo um idiota, e, se não o é, deve ter previsto essas emboscadas como coisa natural.

— Não é de todo um idiota — ponderou G. — Mas é um poeta, o que, para mim, fica a um passo apenas da loucura.

— É verdade — disse Dupin depois de tirar uma baforada longa e meditativa do seu cachimbo de espuma do mar — embora eu tenha cometido alguns maus versos.

— Posso-lhe pedir — disse eu — que nos exponha com pormenores as pesquisas feitas?

— Pois bem, não poupamos esforços e revisamos tudo. Eu tenho longa experiência dessas coisas. Explorei o edifício todo, sala por sala, consagrando as noites e uma semana inteira a cada uma delas. Examinamos, primeiro, a mobília de cada apartamento. Abrimos tudo quanto foi gaveta; aliás, vocês devem saber que para um policial bem treinado isso de gaveta secreta não existe. Só um tolo deixaria que numa pesquisa dessa espécie lhe escapasse uma gaveta "secreta". A coisa é tão simples! Existe determinado volume de espaço calculável em cada gabinete. Depois, nós temos regras bem exatas. Nem a quinquagésima parte de uma linha¹³⁹ nos escapou. Dos gabinetes passamos às cadeiras. As almofadas foram sondadas com aquelas agulhas finas e compridas que você já me viu empregar. Das mesas retiramos o tampo.

— Por quê?

— Às vezes a pessoa desejosa de esconder uma coisa levanta o tampo de uma mesa ou de outro móvel semelhante; depois escava a perna, deposita o objeto dentro dela e recoloca o tampo. As partes de cima e do fundo das armações de cama podem servir para o mesmo fim.

— Não poderá a cavidade ser descoberta batendo-se no móvel?

— De forma alguma, se, quando o objeto é depositado, se põe à volta um enchimento suficiente de algodão. Além disso, em nosso caso, tínhamos a obrigação de trabalhar sem rumor.

— Mas você não pode ter removido... não pode ter desmontado todos os móveis em que se poderia ter colocado um objeto da maneira que acaba de expor. Uma carta pode ser comprimida num rolo espiral, pouco diferente, quanto à forma ou ao volume, de uma agulha comprida de tricô, e ser escondida assim numa vareta de cadeira, por exemplo.

— Certamente não desmontamos; mas fizemos melhor... examinamos as varetas de todas as cadeira do palacete e, mais ainda, os encaixes de toda espécie de móvel, com a ajuda de um poderoso microscópio. Se houvesse qualquer vestígio de deslocamento recente, não teríamos deixado de o descobrir num instante. Um simples grão de poeira deixado pela verruma, por exemplo, teria sido notado tão bem quanto uma maçã. Qualquer irregularidade na colagem, qualquer abertura desusada nos encaixes seria suficiente para revelar o esconderijo.

— Presumo que vocês examinaram os espelhos, entre a moldura e a folha, e revistaram as camas e a roupa de cama, assim como as cortinas e os tapetes.

— Sem dúvida. Após haver esquadrinhado inteiramente, por esse método, todas as peças da mobília, passamos a examinar a própria casa. Dividimos-lhe a superfície inteira em compartimentos, que numeramos sem esquecer nenhum; depois escrutamos cada polegada quadrada de todo o edifício, e até dos dois edifícios adjacentes, com o auxílio do microscópio, como dantes.

— Os dois edifícios adjacentes! — exclamei. — Devem ter tido um trabalho enorme.

— Sem dúvida... mas a recompensa oferecida é prodigiosa.

— Incluíram o chão à volta dos edifícios?

— Todo ele está calçado de tijolos, de sorte que nos deu um trabalho relativamente menor. Examinamos o musgo entre os tijolos e o achamos intato.

— Olharam, naturalmente, os papéis de D. e os livros da biblioteca...

— Sem dúvida. Abrimos todo e qualquer embrulho. Não só abrimos todos os livros, mas viramos cada página de cada livro, não nos contentando com uma simples sacudidela, como é o hábito de alguns dos nossos comissários. Medimos também a espessura de cada encadernação da maneira mais precisa, aplicando a cada uma delas o exame microscópico mais rigoroso. Se alguém houvesse mexido numa ou noutra das encadernações, o fato não nos poderia ter escapado de modo algum. Uns cinco ou seis volumes recém-saídos das mãos do encadernador foram sondados cuidadosamente, com agulhas, em sentido longitudinal.

— Exploraram os soalhos debaixo dos tapetes?

— Decerto. Levantamos os tapetes um por um e examinamos as tábuas com o

microscópio.

— E o papel de paredes?

— Também.

— Examinaram as adegas?

— Examinamos.

— Então — disse eu — vocês fizeram um cálculo errado, e a carta não está no prédio, como você supõe.

— Talvez você tenha razão — retorquiu o chefe de polícia. — E agora, Dupin, que conselho me dá?

— Refazerem o exame do edifício.

— É absolutamente desnecessário — replicou G. — Não tenho mais certeza de respirar do que a tenho deste fato: a carta não está no palacete.

— Não tenho melhor conselho para lhe dar — disse Dupin. — Naturalmente você terá uma descrição exata da carta...

— Naturalmente.

E nisto o chefe de polícia, sacando um livro de notas, pôs-se a ler uma descrição pormenorizada dos caracteres externos, e sobretudo dos internos, da carta. Pouco depois de terminada a leitura, despediu-se de nós, muito mais deprimido do que eu já o vira em qualquer ocasião.

Cerca de um mês após, ele nos fez outra visita e encontrou-nos entregues à mesma ocupação de vez anterior. Pegou um cachimbo e uma cadeira, e entabulou uma conversação indiferente. Por fim, perguntei:

— Bem, G., e o caso da carta furtada? Suponho que se convenceu, afinal, de que não é brincadeira ser mais astuto que o ministro?

— Diabo leve o ministro; no entanto, refiz as pesquisas, como Dupin me sugeriu, mas foi trabalho perdido, como aliás eu tinha previsto.

— De quando era mesmo a recompensa oferecida? — perguntou Dupin.

— Bem, muita coisa... uma recompensa muito generosa... Não gostaria de dizer precisamente quanto; mas uma coisa eu direi: é que não me importaria de dar, do meu bolso, um cheque de cinquenta mil francos a quem me obtivesse aquela carta. Ela, com efeito, está adquirindo uma importância cada vez maior, e ultimamente a recompensa foi dobrada. Mesmo, porém, que tivesse sido triplicada, eu não poderia fazer mais do que já fiz.

— Bem, então — disse Dupin, vagaroso, entre as baforadas que tirava do cachimbo de espuma do mar —, na verdade... eu penso, G..., que você não fez todo o esforço possível neste negócio. Você podia... penso eu... ter feito um pouco mais, não lhe parece?

— Como?... De que maneira?

— Ora... puf, puf... você podia... puf, puf... ter pedido conselho a respeito do caso, não

é?... puf, puf, puf. Lembra-se da história que se conta a respeito de Albernethy?¹⁴⁰

— Não. O Diabo leve a Albernethy!

— Está certo: leve-o, e em boa hora... Mas — uma vez um rico avarento concebeu a ideia de subtrair a esse Albernethy uma consulta médica. Tenho provocado, para esse fim, uma palestra qualquer numa roda de amigos, insinuou o seu caso ao médico, como se fosse de um indivíduo imaginário. — “Façamos de conta” — disse o avarento — “que os sintomas são tais e tais, que é que o doutor lhe aconselharia tomar?” — “Tomar?” — replicou Albernethy — “Ora! Tomar um conselho, está claro!”

— Bem — disse o chefe de polícia, um tanto perturbado —, estou inteiramente disposto a aceitar um conselho e pagar por ele. Eu daria realmente cinquenta mil francos a quem quer que me quisesse ajudar a resolver o problema.

— Neste caso — replicou Dupin abrindo uma gaveta e tirando de lá um livro de cheques —, você pode desde já encher um cheque da importância em apreço. Depois de tê-lo assinado lhe entregarei a carta.

Eu estava aturdido. O chefe de polícia, esse parecia fulminado. Permaneceu alguns minutos sem falar nem se mexer, olhando boquiaberto para o meu amigo, com ar incrédulo e uns olhos que por um triz não saíam das órbitas; depois, aparentemente recobrando em certo ponto os sentidos, pegou da pena e, após várias pausas e olhares vagos, preencheu e assinou um cheque de cinquenta mil francos e o entregou a Dupin. Dupin examinou-o com cuidado e colocou-o no seu livrinho de notas; depois, abrindo um escriptorio,¹⁴¹ dele retirou uma carta e a entregou ao chefe de polícia. Este agarrou-a num verdadeiro paradoxismo de alegria, abriu-a com a mão trêmula, examinou-lhe rápido o conteúdo, e, dirigindo-se impetuosamente à porta, saiu sem cerimônia do quarto e da casa, sem ter pronunciado uma sílaba depois que o outro lhe pedira que enchesse o cheque.

Saído o nosso hóspede, Dupin começou a dar algumas explicações.

— A polícia de Paris — disse ele — é extremamente hábil à sua maneira. É perseverante, engenhosa, astuta, e versadíssima nos conhecimentos que lhe parecem especialmente exigidos pelas suas funções. Assim, quando G. nos expôs a maneira como procedera às pesquisas no palacete de D., senti-me inteiramente convencido de que ele fizera uma investigação satisfatória — na medida de suas possibilidades.

— Na medida de suas possibilidades? — perguntei.

— Sim — respondeu Dupin. — As medidas adotadas não só eram as melhores no gênero, mas foram executadas com absoluta perfeição. Se a carta houvesse sido colocada dentro dos domínios de sua pesquisa, esses camaradas, sem a menor dúvida, a teriam encontrado.

Limitei-me a rir... ele, porém, parecia dizer tudo aquilo com maior seriedade.

— Portanto — continuou —, as medidas eram ótimas no seu gênero e bem-executadas; o defeito delas consistia em serem inaplicáveis ao caso e ao homem. Certa série de medidas engenhosas em extremo foram, para o chefe de polícia, uma espécie de leito de Procusto a que ele por força adapta os seus planos. No entanto, engana-se invariavelmente por se mostrar um pouco ou demasiado profundo para o assunto em foco, e mais de um aluno raciocina melhor do que ele. Conheci um que tinha seus oito anos de idade e cujos sucessos em acertar no jogo de “par ou ímpar” provocavam admiração de todos. É um jogo simples, jogado com bolas de gude. Um dos jogadores segura numa das mãos determinado número delas e pergunta ao outro se tal número é par ou ímpar. Se o outro acerta, ganhou uma; se erra, perdeu uma. O menino a quem me refiro ganhou todas as bolas da escola. Sem dúvida, ele seguia um princípio para acertar, e este se baseava em simples observação e no cálculo da astúcia de seus adversários. Por exemplo, ele tem como adversário um tolinho, o qual levantando o punho fechado, pergunta: — “Par ou ímpar?” O nosso aluno responde — “ímpar” — e perde, mas ganha logo na segunda parada, porque então diz consigo: — “O tolinho na primeira vez tinha um número par, e a sua quantidade de astúcia é exatamente a bastante para que na segunda tenha ímpar; portanto direi “ímpar”. Faz assim, e ganha. Agora, com outro tolinho, um pouco menos bobo que o primeiro, teria raciocinado assim: — “Esse camarada, como eu na primeira parada disse ‘ímpar’, na segunda será levado, no primeiro impulso, a passar simplesmente de par para ímpar; mas depois há de lhe ocorrer, após nova reflexão, que essa variação é simples demais, e por fim resolverá colocar um número par, como dantes. Portanto, direi ‘par.’” Faz assim, e ganha. Ora, esta maneira de raciocinar do aluno a quem os colegas qualificaram de “felizardo”, que é, em última análise?

— É simplesmente — respondi — uma identificação do intelecto do raciocinador com o do adversário.

— Isso mesmo — confirmou Dupin. — Quando, depois, perguntei ao menino por que meio tinha realizado a identificação completa a que devia o seu êxito, dele recebi a seguinte resposta: — “Quando desejo adivinhar quanto alguém é inteligente ou estúpido, bom ou ruim, ou que está pensando no momento, moldo a expressão do meu rosto, tanto quanto possível, pela sua; e depois fico a esperar que pensamentos ou sentimentos se levantam no meu espírito ou no meu coração, como que acompanhando a expressão ou correspondendo a ela.” Essa resposta do colegial forma a base de toda a espúria profundidade que tem sido atribuída a La Rochefoucauld,¹⁴² La Bougive, Maquiavel¹⁴³ e Campanella.¹⁴⁴

— Então — interrompi — a identificação do intelecto do raciocinador com o do adversário depende da exatidão com que ele consegue medir a inteligência do adversário.

— Depende dela, realmente, no tocante aos resultados práticos, e o chefe de polícia e sua turma erram com tanta frequência primeiro porque não conseguem tal identificação, segundo porque medem mal, isto é, não medem absolutamente, o intelecto com que estão lidando. Eles só consideram os seus próprios conceitos de sagacidade, e, ao buscarem algo escondido, só se lembram das maneiras por que eles o teriam escondido. Têm toda a razão em pensar que a sua própria sagacidade é uma representação fiel da sagacidade da massa; mas, quando a astúcia do criminoso individual difere da deles, o criminoso naturalmente os engana. É o que sucede sempre que ela é superior à deles e quase sempre lhe é inferior. Eles não admitem variação do princípio nas suas investigações; no melhor dos casos, quando movidos por alguma ocorrência fora do comum — ou alguma recompensa extraordinária —, estendem ou exageram os seus velhos métodos de ação, sem modificar em nada os seus princípios. Um exemplo: que se faz, neste caso de D., para modificar o princípio da ação? Que são todas essas perfurações e experiências e sondagens e exames com o microscópio, e divisões da superfície do edifício em polegadas quadradas registradas — que é tudo isso senão uma aplicação exagerada do único princípio ou da série de princípios da pesquisa, todos baseados na série de conceitos relativos à engenhosidade humana aos quais o chefe de polícia, na longa rotina do seu ofício, se acostumou? Não vê que ele considerava positivo que todos os homens se servem, para esconder uma carta, se não exatamente de uma cavidade aberta por uma verruma numa perna de cadeira, pelo menos de algum buraco ou recanto inacessível sugerido pelo mesmo raciocínio que levaria alguém a ocultar uma carta em uma cavidade feita à verruma numa perna de cadeira? Não vê também que recantos tão *recherchés*¹⁴⁵ só são escolhidos para esconderijos em ocasiões comuns e só seriam adotados por intelectos comuns? Com efeito, em todos os casos de escondimentos, uma colocação do objeto escondido — uma colocação daquela maneira *recherchée* — é, desde o primeiro instante, presumível e presumida; assim, o seu descobrimento depende absolutamente não da agudeza, mas apenas do cuidado, da paciência e da determinação dos pesquisadores e, quando o caso tem importância — ou, o que aos olhos de um policial significa a mesma coisa, quando a recompensa é grande —, essas qualidades não falham nunca. Agora você compreenderá o que eu queria dizer ao afirmar que, se a carta furtada tivesse sido escondida em qualquer lugar dentro dos limites do exame do chefe de polícia — por outras palavras, se o princípio de seu escondimento estivesse compreendido dentro dos princípios deste último —, o descobrimento dela teria sido coisa absolutamente certa. Esse funcionário, no entanto, deixou-se mistificar totalmente; e a fonte longínqua da sua derrota está em ter ele suposto que o ministro é um louco porque adquiriu fama de poeta. Todos os loucos são poetas, o chefe de polícia o sente; e ele é apenas culpado de uma *non distributio medii*¹⁴⁶ ao inferir, daí, que todos os poetas são loucos.

— Mas será realmente ele o poeta?— perguntei. — Sei que ele tem um irmão, e ambos obtiveram renome literário. O ministro, creio que escreveu uns trabalhos eruditos sobre o cálculo diferencial. É matemático, e não poeta.

— Você está enganado. Eu o conheço bem: ele é uma coisa e outra. Como poeta e matemático, terá raciocinado bem; como simples matemático, não teria raciocinado de modo algum, e agora estaria à mercê do chefe de polícia.

— Surpreende-me — repliquei — com essas opiniões, contraditadas pela voz do mundo. Você não pretenderá reduzir a nada uma ideia secular e bem digerida. A razão matemática tem sido sempre considerada a razão por excelência.

— “Il y a à parier” — retomou Dupin, citando Chamfort — “que toute idée publique, toute convention reçoive est une sottise, car elle a convenu au plus nombre.”¹⁴⁷ Os matemáticos, concedo, fizeram o possível para promulgar o erro popular a que você alude e que nem por estar espalhado deixa de ser um erro. Com uma habilidade digna de melhor causa, eles insinuaram, por exemplo, que o termo análise é sinônimo de álgebra. Foram os franceses que deram origem a esse engano; mas, se um termo tem qualquer importância, se o valor das palavras depende da sua aplicabilidade, então análise significa álgebra tão pouco quanto em latim ambitus significa “ambição” religio, “religião”, e homines honesti, “homens honrados”.¹⁴⁸

— Pelo que vejo — disse eu —, você está em contenda com alguns dos algebristas de Paris. Mas continue.

— Estou apenas discutindo a aplicabilidade e, portanto, a eficácia da razão cultivada sob qualquer outra forma que não seja a abstratamente lógica. Discuto, em particular, a razão produzida pelo estudo da matemática. A matemática é a ciência da forma e da quantidade; o raciocínio matemático outra coisa não é senão a simples lógica aplicada a observações quanto à forma e à quantidade. O grande erro consiste em supor que até as verdades da chamada álgebra pura são verdades abstratas ou gerais. Esse erro é tão evidente que fico perplexo ante a universalidade da sua aceitação. Os axiomas da matemática não são axiomas de valor geral. O que é verdade de relação — de forma e quantidade — é muitas vezes uma falsidade grosseira no tocante à moral, por exemplo. Nesta ciência é, em geral, inexato que a soma das partes seja igual ao todo. Na química, também, o axioma falha. Quando se consideram os motivos, falha; porque dois motivos, cada qual de determinado valor, não têm, necessariamente, quando unidos, valor igual à soma dos seus valores quando tomados separadamente. Há muitas outras verdades matemáticas que são verdades apenas dentro dos limites da relação. Porém o matemático argumenta partindo regularmente de suas verdades limitadas, como se fossem de aplicabilidade absoluta e geral — como na realidade se admite que sejam. Bryant, em sua mutio erudita Mitologia, menciona uma fonte semelhante de erro ao escrever que, “embora as fábulas não sejam acreditadas, nós esquecemos isso a cada

passo, e as invocamos como realidades existentes”. Entre os algebristas, no entanto, que são, eles mesmos, pagãos, as “fábulas pagãs” são admitidas, e as deduções se fazem não tanto por um lapso de memória quanto opor uma inexplicável perturbação dos cérebros. Em suma, eu jamais encontrei um puro matemático em quem se pudesse ter confiança fora das raízes iguais, ou que no íntimo não considerasse artigo de fé que $x^2 + px$ é absoluta e incondicionalmente igual a q . Diga, por favor, a um desses cavalheiros, a título de experiência, que você acredita haver ocasiões em que $x^2 + px$ não é absolutamente igual a q , e, depois de ter-lhe feito compreender o que pensa, procure safar-se do seu alcance, tão depressa quanto possível, porque, sem a menor dúvida, ele procurará deitá-la ao chão.

— Quero dizer — continuou Dupin enquanto eu me contentava de rir às suas últimas observações — que, se o mínimo fosse apenas um matemático, o chefe de polícia não se teria visto forçado a entregar-me o seu cheque. Eu, porém, o conhecia como matemático e como poeta, e adaptei minhas medidas à sua capacidade, considerando as circunstâncias que o rodeavam. Conhecia-o, também, como cortesão e como ousado intrigant.¹⁴⁹ Um homem assim, pensei, não podia deixar de conhecer os habituais métodos de ação da polícia. Não podia deixar de prever— e os acontecimentos provaram que não deixou de prever — as ciladas a que estava sujeito. Devia de ter conjecturado, refleti, as investigações secretas levadas a efeito em seu palacete. Suas frequentes ausências noturnas, que o chefe de polícia saudava como um auxílio certo para seu bom êxito, eu as olhava apenas como ruses¹⁵⁰ a fim de oferecer à polícia a oportunidade de pesquisas demoradas e dar-lhe assim a impressão — à qual G., com efeito, acabou chegando — de que a carta não se encontrava no edifício. Compreendi, também, que toda a série de pensamentos que ainda há pouco eu lhe pormenorizava, não sem algum esforço, relativos ao princípio invariável da ação policial em busca de objetos escondidos — compreendi que esta série de pensamentos passaria necessariamente pelo espírito do ministro e o levaria sem falta a desprezar todos os lugares habituais de ocultamento. Ele não podia ser tão fraco a ponto de não ver que os recantos mais escondidos e afastados do seu palacete ficariam tão abertos quanto o mais acessível gabinete aos olhos, às sondas, às verrumas e aos microscópios do chefe de polícia. Vi, afinal, que ele seria naturalmente levado, se não deliberadamente induzido por escolha, à simplicidade. Você talvez se lembre como o chefe de polícia ria a bandeiras despregadas quando, no decorrer da nossa primeira palestra, observei que, se o mistério o perturbava a tal ponto, provavelmente era por ser tão demasiadamente óbvio.

— Sim — disse eu —, lembro-me muito bem da sua hilaridade. Até pensei que ele estivesse tomado de convulsões.

— O mundo material — continuou Dupin — é cheio de estreitíssimas analogias com o imaterial; e, assim, não falta certa verdade a esse dogma de retórica de que uma

metáfora ou um símile podem reforçar um argumento tanto quanto embelezar uma descrição. O princípio de *vis inertiae*,¹⁵¹ por exemplo, parece ser idêntico na física e na metafísica. É tão verdadeiro, na primeira, que um corpo grande é posto em movimento com mais dificuldade que um pequeno, e que seu momentum subsequente está proporcionado a essa dificuldade, quanto o é, na segunda, que intelectos de vasta capacidade, por serem mais energéticos, mais constantes e mais eficientes em seus movimentos do que os de grau inferior, são postos em movimento com maior dificuldade e mostram mais embaraço e hesitação nos primeiros passos de seu progresso. Por outro lado: já terá observado quais das tabuletas colocadas acima da porta das lojas, na rua, atraem mais atenção?

— Nunca pensei nisso — respondi.

— Existe um jogo de quebra-cabeça — continuou Dupin — que se joga num mapa. Um dos parceiros convida o outro a achar determinada palavra — o nome de uma cidade, um rio, um estado ou um império —, qualquer palavra, em suma, da variegada e intrincada superfície da carta. Em geral um novato procura embaraçar os adversários escolhendo os nomes grafados com a letra mais miúda; um entendido, pelo contrário, escolhe os mais extensos, impressos em caracteres grandes, e que vão de um lado ao outro do mapa. Estes, como as tabuletas e cartazes de letras excessivamente grandes da rua, escapam à observação à força de serem óbvios em extremo; e aqui a inadvertência física é preciosamente análoga à ausência de apreensão moral em virtude da qual o intelecto deixa passar despercebidas aquelas considerações, de uma evidência demasiado importuna e palpável. Mas é este um ponto, ao que parece, algo superior ou inferior à compreensão do chefe de polícia. Nunca terá ele achado possível ou provável que o ministro tenha posto a carta debaixo do nariz de toda a gente, para assim impedir quem quer que seja de percebê-la.

“Quanto mais refleti acerca do espírito ousado, brilhante e discernidor de D.; da necessidade de estar o documento sempre à mão se deste ele queria aproveitar-se convenientemente; enfim, da evidência decisiva, obtida pelo chefe de polícia, de que a carta não estava escondida dentro dos limites da pesquisa habitual daquele dignitário — tanto melhor me convenci de que o ministro, para esconder a carta, recorrera ao expediente compreensível e sagaz de não procurar escondê-la de modo algum.

“Imbuído dessas ideias, armei-me de um par de óculos verdes e um belo dia, como que por acaso, fiz uma visita ao palacete do ministro. Encontrei-o a bocejar e preguiçar, ocioso, como de costume, e pretextando achar-se tomado de extremo ennuí.¹⁵² É ele, talvez, o ser humano mais enérgico de todos os contemporâneos — porém só quando ninguém o vê.

“Para não lhe ficar atrás, queixei-me dos meus olhos fracos, lamentando a necessidade de usar óculos, sob cuja proteção examinei com cautela e escrúpulo o

apartamento inteiro, enquanto me mostrava interessado na conversação do dono da casa.

“Prestei especial atenção a uma grande secretária ao pé da qual se achava ele sentado, e sobre a qual se viam, de mistura, diferentes cartas e outros papéis, um ou dois instrumentos musicais e alguns livros. Ali, no entanto, depois de longo e bem ponderado exame, nada vi que despertasse particular suspeita.

“Enfim, os meus olhos, fazendo a volta da sala, caíram sobre um porta-cartões de papelão com filigrana, vistoso mas de pouco valor, e pendurado, por uma fita azul-suja, de uma pequena maçaneta de bronze acima do meio da prateleira que encima o fogão. Nesse porta-cartões, dividido em três ou quatro partes, havia cinco ou seis cartões de visita e uma carta única, bastante suja e amarrotada. Estava rasgada, quase, em duas partes, pelo meio — como se a pessoa que no primeiro momento a quisera rasgar, considerando-a sem valor algum, houvesse, depois, mudado de ideia. Tinha um grande selo preto em que se via, muito nítido, o monograma de D.; era dirigida, numa letra miúda de mulher, ao próprio ministro. Achava-se atirada com despreocupação e, ao que parecia, com desdém, numa das divisões superiores do porta-cartões.

“Apenas lancei os olhos à carta, concluí que devia ser a que eu procurava. Sem dúvida, radicalmente, segundo todas as aparências, daquela de que o chefe de polícia nos lera numa descrição minuciosa. Numa o selo era grande e preto, com o monograma de D., ao passo que na outra era pequeno e vermelho, com as armas ducais da família S. Numa o endereço, para o ministro, era miúdo e de mão feminina; na outra o endereço, para certa personagem real, caracterizava-se por um traço nitidamente ousado e decidido; o único ponto de semelhança residia no formato. Porém justamente o caráter radical dessas divergências; a sujeira do envelope e o fato de estar amarrotado, coisas tão contrárias aos hábitos reais do metódico D.; e a intenção manifesta de comunicar ao observador a ideia de que se tratava de um documento sem valia; estas circunstâncias, aliadas à posição superinoportuna da carta, bem à vista de qualquer visitante e, assim, nem de acordo com as conclusões a que eu de antemão tinha chegado; todas essas coisas, digo, só podiam corroborar a suspeita de quem viera com intuito de suspeitar.

“Prolonguei quanto possível a minha visita, e, enquanto mantinha animadíssima discussão com o ministro sobre um assunto que, bem o sabia eu, nunca deixava de interessá-lo e de excitá-lo conservava a atenção fixa na carta. No decorrer desse exame, gravei na memória o aspecto dela e sua colocação no porta-cartões; e, por fim, fiz uma descoberta que dissipou as últimas dúvidas que eu ainda pudesse ter. Ao examinar as bordas do papel, notei que estavam mais estragadas do que seria normal. Apresentavam esse aspecto quebrado que se observa num papel duro que, depois de ter sido uma vez dobrado e aplainado com um dobradeira, é dobrado outra vez em direção oposta, nas mesmas pregas ou extremidades que formavam o vinco primitivo. Essa descoberta era

suficiente. Estava claro, agora, que a carta fora virada. Como uma luva, com o avesso para fora, reendireitada, e lacrada de novo. Despedi-me do ministro e fui-me embora imediatamente, deixando sobre a mesa uma caixa de rapé, de ouro.

“Na manhã seguinte voltei para apanhar a caixa de rapé, e reencetamos, com certa avidez, a conversação da véspera. Palestrávamos, quando de súbito uma forte detonação, como a de uma pistola, se fez ouvir exatamente debaixo da janela do palacete, seguida de gritos de terror e da algazarra de uma multidão espantada. D. correu a uma janela, abriu-a, e olhou para fora. Nesse ínterim, aproximei-me do porta-cartões, apanhei a carta, coloquei-a no bolso e a substituí por um fac-símile (quanto ao aspecto exterior) que preparara com cuidado em casa, imitando o monograma de D. de modo muito exato, por meio de um selo feito de pão.

“O alarido na rua fora provocado pelas extravagâncias dum homem armado de mosquete, que atirara contra um grupo de mulheres e crianças. Mas, tendo-se logo verificado que o fizera sem balas, deixaram-no correr, convencidos de que era ou lunático ou bêbedo. Depois que ele desapareceu, D. voltou da janela, aonde eu o tinha acompanhado logo após haver-me apossado da carta. Pouco depois, despedi-me. O pretenso lunático fora pago por mim.”

— Mas com que intuito substituiu a carta por um fac-símile? — perguntei. — Não teria tido melhor apoderar-se dela por ocasião da primeira visita, indo-se embora logo em seguida?

— D. — respondeu Dupin — é um homem arrebatado e de coragem. De mais a mais, no seu palacete não faltam servidores devotados. Se eu houvesse feito a louca tentativa que você sugere, poderia nunca ter saído vivo da presença do ministro. O bom povo de Paris poderia nunca mais ter ouvido falar de mim. Mas, além dessas considerações, tinha ainda outro objetivo. Você conhece as minhas simpatias políticas. Neste caso, agi como partidário da dama em apreço. Durante 18 meses o ministro manteve-a sob o seu domínio. Agora ela é que o mantém sob o seu — visto como, ignorando que a carta já não está em seu poder, ele continuará as suas extorsões como se estivesse. Assim, ele mesmo há de realizar de vez, inevitavelmente, a sua própria destruição. Sua queda, aliás, não será mais precipitada que desastrada. É muito bom falar no *facilis descensus Avernus*,¹⁵³ mas em todas as espécies de escaladas, como dizia a Catalani¹⁵⁴ a propósito do canto, é muito mais fácil subir do que descer. No caso presente, não me inspira simpatia — ou pelo menos piedade — aquele que desce. Ele é o *monstrum horrendum*,¹⁵⁵ um homem de gênio mas sem princípios. Confesso, no entanto, que gostaria muito de saber a exata natureza de seus pensamentos quando, desafiado por aquele que o chefe de polícia designa por “certa personalidade”, se vir forçado a abrir a carta que deixei para ele no porta-cartões.

— Como? Você pôs ali algo de particular?

— Bem... não me pareceu de todo correto deixar a parte interna em branco... seria um insulto. Uma vez, em Viena, D. me pregou uma peça feia, e eu, brincando, disse-lhe que não ia esquecê-la. Assim, como sei que terá certa curiosidade de identificar a pessoa que o excedeu em astúcia, achei que seria uma pena não lhe dar alguma indicação. Ele conhece bem a minha letra. Contentei-me em copiar no meio da folha estas palavras:

.....Un dessein si funeste,
S'il n'est digne d'Atrée, est digne de Thyeste.¹⁵⁶

Elas se encontram no Atrée, de Crébillon.¹⁵⁷